

FRATERNITAS

VOLUME 2, NÚMERO 2: MAR-2026 A JUN-2026. ISSN: 3085-7988

ESPECIAL “MAÇONARIA & HARMONIA”

A FLAUTA MÁGICA: O legado maçônico de Mozart (Wazlawick).

O GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO: Abordagens históricas, filosóficas e simbólicas na tradição maçônica (Gerard).

A HARMONIA NAS SESSÕES MAÇÔNICAS: Uma leitura ritualística, simbólica e neurocientífica (Lombardi Junior).

MÚSICA & MAÇONARIA (Cichoski).

MAÇONARIA E LIBERDADE NA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (Sturari).

GENEALOGIA MAÇÔNICA DA GRANDE LOJA DE QUERÉTARO (García).



FRATERNITAS



A revista FRATERNITAS é um periódico técnico-científico e histórico-cultural, vinculado à Confederação Maçônica Interamericana – CMI, de caráter multidisciplinar, tendo a Maçonaria como objeto de estudos e pesquisas. Seu formato é eletrônico e sua periodicidade é quadrimestral.

A FRATERNITAS publica artigos, ensaios e resenhas submetidos preferencialmente por estudiosos, pesquisadores e professores maçons, tendo como principal requisito, além da aderência ao campo, a apresentação de conteúdo desenvolvido por métodos, baseado em evidências e referências, e de qualidade analítica.

Conselho Editorial

Lito Luis Porto Porto
Rubens Ricardo Franz
Lictor Enrique Reyna

Conselho Científico

Gérard Icart
Kennyo Mahmud Ismail

Dados catalográficos:

ISSN: 3085-7988
Volume 02, Número 02.
Mar-2026 a Jun-2026.

Periodicidade:

Quadrimestral, conforme descrito a seguir:

- Nov-Dez-Jan-Fev: publicado em março
- Mar-Abr-Mai-Jun: publicado em julho
- Jul-Ago-Set-Out: publicado em novembro

Portal:

cmi1947.org/fraternitas

Autor institucional:

Confederação Maçônica Interamericana – CMI
Rua dos Ilhéus, 38 – Ed. Aplub, 1º andar – Centro
Florianópolis - SC, 88010-560
E-mail: sgp@cmi1947.org

Aviso:

Os artigos publicados são de responsabilidade de seus autores e não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da revista Fraternitas. Não é necessário solicitar prévia autorização para reproduzir parte do conteúdo publicado nesta revista, desde que sejam devidamente citados o autor e a fonte.

Imagem da capa:



Ensaio de músicos barrocos por André Bouys, 1800 (domínio público).

Fonte: <https://picryl.com/media/reunion-de-musiciens-bouys-2adfd1>

FRATERNITAS



Sumário

A FLAUTA MÁGICA: O legado maçônico de Mozart (Wazlawick)	05
O GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO: Abordagens históricas, filosóficas e simbólicas na tradição maçônica (Gerard)	15
A HARMONIA NAS SESSÕES MAÇÔNICAS: Uma leitura ritualística, simbólica e neurocientífica (Lombardi Junior)	19
MÚSICA & MAÇONARIA (Cichoski)	25
MAÇONARIA E LIBERDADE NA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (Sturari)	35
GENEALOGIA MAÇÔNICA DA GRANDE LOJA DE QUERÉTARO (García)	43

Palavra do Secretário-Executivo

Irmãos e leitores,

A Revista Fraternitas apresenta uma nova edição alinhada à missão de resgatar, promover e valorizar a cultura, a história e as artes na Maçonaria. Cada tema aqui reunido reforça o compromisso da CMI com a pesquisa, a divulgação e a formação contínua dos Maçons, mantendo viva a tradição que sustenta nossa identidade iniciática.

A música surge como fio condutor simbólico desta edição. A Flauta Mágica revela a força da arte como linguagem iniciática, capaz de transformar melodias em ensinamentos e personagens em arquétipos que iluminam a jornada interior. A música, nesse contexto, não apenas emociona: ela educa, preserva e transmite valores.

O conceito do Grande Arquiteto do Universo aparece como eixo filosófico e espiritual, articulando visões históricas e simbólicas que orientam o trabalho maçônico. Ele representa a ordem, a construção e o sentido profundo da busca pela luz, reafirmando a importância da reflexão como parte essencial da formação.

A harmonia das sessões é explorada como experiência ritualística que integra símbolo, ambiente e percepção. A vivência no templo — seus sons, gestos e ritmos — fortalece vínculos, desperta atenção e aprofunda a consciência, mostrando que a cultura maçônica também se manifesta na forma como vivemos nossos ritos.

A história, por sua vez, reafirma o papel da Maçonaria na construção da liberdade e na preservação da memória institucional. Da participação na Independência do Brasil às genealogias que revelam a trajetória de potências maçônicas, a tradição histórica inspira o presente e orienta o futuro.

Assim, esta edição da Fraternitas cumpre sua vocação: unir arte, simbolismo, filosofia e história para inspirar os Maçons a valorizar a riqueza cultural da Ordem e aprender com ela. Que estas páginas fortaleçam nossa identidade, ampliem nosso conhecimento e mantenham viva a chama que ilumina o caminho da fraternidade.

Fraternalmente,

Rubens Ricardo Franz
Secretário-Executivo

A FLAUTA MÁGICA: O legado maçônico de Mozart

Raul Sidnei Wazlawick ¹

Resumo:

A Flauta Mágica de Mozart é uma ópera Maçônica. Foi a última obra completa composta por Mozart pouco antes de sua morte. Mozart era um entusiasta da Maçonaria e com esta ópera quis criar uma homenagem aos seus irmãos maçons. Inclusive, foi ele padrinho de Joseph Haydn, outro músico famoso a entrar para a Maçonaria. Segundo o também irmão Johann Wolfgang von Goethe “Basta que a multidão encontre prazer na visão do espetáculo: aos iniciados não escapará sua alta significação”. Para os profanos, a história se resume na jornada de um príncipe em busca de sua amada. Porém, analisando a peça musical com mais profundidade percebe-se nela muitos símbolos e ensinamentos próprios da Maçonaria. Fazendo-se a exegese da peça sob a ótica maçônica, encontra-se uma alegoria ao processo iniciático. Essa alegoria transcorre em dois planos: o macrocosmo, próprio aos eventos que se sucedem com o candidato à iniciação, e o microcosmo, onde se observa pensamentos e emoções que transcorrem no íntimo do candidato. O macrocosmo é, portanto, uma observação do processo de iniciação do ponto das atividades e encenações dos membros da loja, e o microcosmo representa o processo iniciático interno, ou seja, o que se passa na mente do iniciado durante o processo.

Palavras-chave: Iniciação maçônica, provas iniciáticas, quatro elementos alquímicos, ópera, Mozart.

Abstract:

Mozart's “The Magic Flute” is a Masonic opera. It was the last complete work Mozart composed shortly before his death. Mozart was an enthusiast of Freemasonry, and with this opera, he sought to create a tribute to his fellow Masons. Indeed, he acted as sponsor for Joseph Haydn—another famous musician—when he joined the Craft. As fellow Mason Johann Wolfgang von Goethe put it: “It suffices that the multitude finds pleasure in the spectacle; its profound significance will not escape the initiated.” To the uninitiated, the story appears simply as a prince's journey in search of his beloved. However, a deeper analysis of the musical work reveals numerous symbols and teachings characteristic of Freemasonry. An exegesis of the piece from a Masonic perspective uncovers an allegory of the initiation process. This allegory unfolds on two planes: the macrocosm — encompassing the events experienced by the candidate for initiation—and the microcosm, where one observes the thoughts and emotions occurring within the candidate's inner self. Thus, the macrocosm represents the initiation process as viewed through the activities and enactments of the lodge members, while the microcosm represents the internal initiation process — that is, what transpires in the initiate's mind during the journey.

Keywords: Initiation into Freemasonry, initiatory trials, four alchemical elements, opera, Mozart.

¹ Professor Titular da UFSC, onde trabalha desde 1992. Possui Bacharelado em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 1988), Mestrado em Ciência da Computação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 1990), Doutorado em Engenharia de Produção (UFSC, 1993) e Pós-Doutorado pela Universidade Nova de Lisboa (UNL, 1998). E-mail: wazlawick@gmail.com

Estudo dos Números

Mozart coloca nesta ópera várias referências numéricas seja no tempo musical como também na definição da Harmonia. Para entender estas referências é necessário repassar resumidamente o simbolismo dos números no grau de aprendiz.

Inicialmente tem-se o zero, que não é usualmente estudado na Maçonaria. Porém, Mozart utiliza este número, em especial na tonalidade de dó maior, para representar o momento anterior à criação, o caos, um espaço intangível e incompreensível para a mente humana, a partir do qual, todas as coisas foram feitas. Mais adiante é explicada a relação entre os números e as tonalidades musicais.

O número um, com o qual o aprendiz inicia seu estudo do simbolismo numérico, representa a consciência despertando, o desejo de sair do abstrato e se fazer matéria consciente no mundo real.

Todos os demais números se originam a partir da unidade. Ao estudá-la, o aprendiz verá, na unidade, um ser centrado em si próprio e que ignora a existência do outro. Sendo assim, o número um representa ser solitário e egocêntrico. Mozart utiliza em sua música a tonalidade de sol maior sempre que o canto é realizado por um personagem egoísta ou solitário.

O número dois representa o eu que tomou consciência do não-eu, ou seja, o ser que passa do estado egocêntrico para as relações com o mundo externo ao eu. Essas relações têm dois polos. Ao estudar o número dois, o aprendiz verá que ele não consegue resolver os conflitos que este número representa. Mozart utiliza na sua música as tonalidades de ré maior e si bemol maior para representar tais conflitos.

O número três representa o equilíbrio dialético no qual o conflito entre o eu e o não eu, ou entre a tese e antítese representadas pelo número dois encontram equilíbrio com a *síntese* representada pelo número três.

Platão (2017) afirma que toda virtude se encontra no meio termo entre dois vícios. Por exemplo, falta de coragem é um vício identificado como covardia. Sendo este um polo, encontra-se no polo oposto o excesso de coragem, o qual é identificado como o vício na temeridade. Assim os dois polos representam a falta ou o excesso de coragem. Se os polos estão nos pontos em que uma reta corta o centro do círculo, a virtude está no meio do caminho entre os dois polos, ou seja, no centro do círculo. Na música de Mozart, a tonalidade de mi bemol maior está associada ao número três e é utilizada nas árias cantadas pelos personagens iniciados ou em momentos especiais no seu processo de iniciação.

Finalmente o número quatro representa a matéria, ou seja, os quatro elementos filosóficos: terra,

ar, fogo e água. Estes quatro elementos consistem na chave que é a própria flauta mágica. O domínio da flauta coloca os quatro elementos em harmonia, sem faltas nem excessos, realizando-se assim a construção dos templos à virtude.

Números na Simbologia Musical de Mozart

Mozart utiliza fartamente a simbologia numérica na flauta mágica. Nesta seção, a relação dos números com as tonalidades musicais, em especial, os assim chamados “acidentes” é explorada.

Na música ocidental há predominantemente dois tipos de acidentes: os *bemóis* que deixam a nota meio tom mais grave, e os *sustenidos* que deixam a nota meio tom mais aguda. No teclado de um piano, os acidentes são tocados nas teclas pretas que ficam entre duas tonalidades por sua vez tocadas nas teclas brancas. Por exemplo entre ré e mi (teclas brancas na escala do, ré, mi, fá sol, lá, si, existe uma tecla preta que representa ao mesmo tempo o ré sustenido e o mi bemol. Sendo assim, entende-se que um tom sustenido fica meio tom acima da nota de referência, por exemplo o ré. Ao mesmo tempo entende-se que uma nota bemol fica meio tom abaixo da nota de referência. Por exemplo, mi bemol. A Figura 1 mostra essas relações diretamente no teclado do piano.



Figura 1: Teclado do piano ilustrando os acidentes *Mi bemol* e *Ré sustenido*.

As figuras 2 até 5 mostram pautas musicais (cinco linhas paralelas) em clave de sol (identificada pelo símbolo mais à esquerda da pauta. À direita do símbolo da clave de sol, aparecem os acidentes definidos para a tonalidade da música.

Quando a música é tocada na tonalidade de dó maior, não há nenhum tipo de acidente na pauta

musical. Essa tonalidade Mozart associa à divindade representada na ópera pelos três meninos que dão conselhos aos profanos que buscam a iniciação. A Figura 2 apresenta uma pauta musical sem acidentes e, portanto, correspondendo a tonalidade de dó maior e associada ao número zero, que representa a divindade.



Figura 2: Tonalidade de dó maior, representando a divindade.

A partir desta tonalidade pode se subir para sol maior, com um único sustenido, ou descer para fá maior com um único bemol. Na música de Mozart, em especial, na Flauta Mágica, a subida para tonalidades com sustenidos representa o movimento do agente profano. Os tons sustenidos buscam o exterior (*mundo dos sentidos*, segundo Platão), enquanto os tons bemóis descem para o interior do eu (*mundo das ideias*) e são, portanto, tons iniciáticos. A Figura 3 mostra respectivamente a pauta com tonalidade de sol maior e de fá maior, ambas com apenas um acidente.



Figura 3: Tonalidade de sol maior e fá maior.

Na flauta mágica, Mozart utiliza a tonalidade de sol maior, em especial, nos cantos de um personagem egoísta que, levado ao processo iniciático, falha, devido à falta de profundidade e de desejo de olhar para dentro do seu próprio eu aprimorando-se no entendimento das virtudes e vícios.

A Figura 4 apresenta as tonalidades de ré maior e si bemol maior, ambas com dois acidentes. Mozart utiliza ré maior nos momentos de conflito profano, e si bemol maior em alguns momentos quando há conflito entre o profano e o maçom.

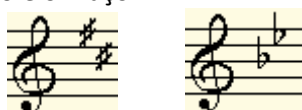


Figura 4: Tonalidade de ré maior e si bemol maior.

A figura 5 apresenta as pautas musicais para as tonalidades de lá maior e mi bemol maior. Mozart utiliza em vários momentos a tonalidade de mi bemol maior para representar as partes da peça que são cantadas por iniciados, ou seja, os maçons.

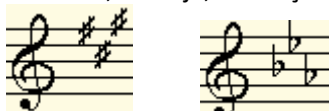


Figura 5: A tonalidade de lá maior e si bemol maior.

Existem tonalidades com quatro, cinco, seis, e até sete acidentes. Porém, Mozart faz pouco ou nenhum uso destas tonalidades na flauta mágica.

Acordes e Roda das Quintas

Na teoria musical, um *acorde* simples é executado quando for tocada uma nota *fundamental* (a qual dá nome ao acorde), uma *terça* que corresponde à nota que fica quatro semitons acima da fundamental, e uma *quinta* que fica três semitons acima da terça. Assim, a quinta fica a sete semitons da nota fundamental. A Figura 6 apresenta um exemplo de acorde simples de dó maior. A terça corresponde à nota mi, e a quinta à nota sol.



Figura 6: O acorde de dó maior no piano.

O intervalo de quinta, ou seja, de sete semitons, é fundamental para a teoria musical ocidental. Aqui, apenas a título de informação, culturas orientais como a árabe, a chinesa e a japonesa, entre outras, trabalham com uma quantidade bem maior de semitons intermediários, não ficando restrita às doze notas da música ocidental.

Pitágoras percebeu que a relação entre uma corda musical de comprimento três e uma corda de comprimento dois, com mesma espessura, corresponde ao intervalo que vai da nota fundamental ou tônica, até sua quinta. Por exemplo, na Figura 7, se a corda de comprimento três corresponde ao dó (zero acidentes), então a corda de comprimento dois corresponde ao sol, ou seja, a quinta nota relativamente ao dó. A pauta musical na tonalidade de sol possui apenas um acidente sustenido.

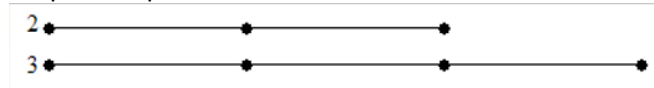


Figura 7: Uma corda de comprimento dois e uma corda de comprimento três correspondendo ao intervalo de uma quinta.

Pitágoras percebeu mais do que isso. Ele notou que, aplicando o intervalo de quinta sobre a tonalidade

de sol maior (pauta com um sustenido), resulta a tonalidade de ré maior (pauta com dois sustenidos). Aplicando-se novamente o intervalo de quinta sobre ré maior encontra-se a tonalidade de lá maior (pauta com três sustenidos). Continuando-se a aplicar o intervalo de quinta obtém-se as tonalidades de mi maior (quatro sustenidos), si maior (cinco sustenidos), fá sustenido maior (seis sustenidos) correspondendo também a sol bemol maior (seis bemóis), depois ré bemol maior (cinco bemóis), lá bemol maior (quatro bemóis), mi bemol maior (três bemóis), si bemol maior (dois bemóis), fá maior (um bemol), e retornando finalmente ao dó maior (zero acidentes).

Essa evolução dos acordes, subindo uma quinta de cada vez, corresponde ao caminho na *roda das quintas* no sentido horário. A Figura 8 mostra a representação gráfica na roda das quintas.

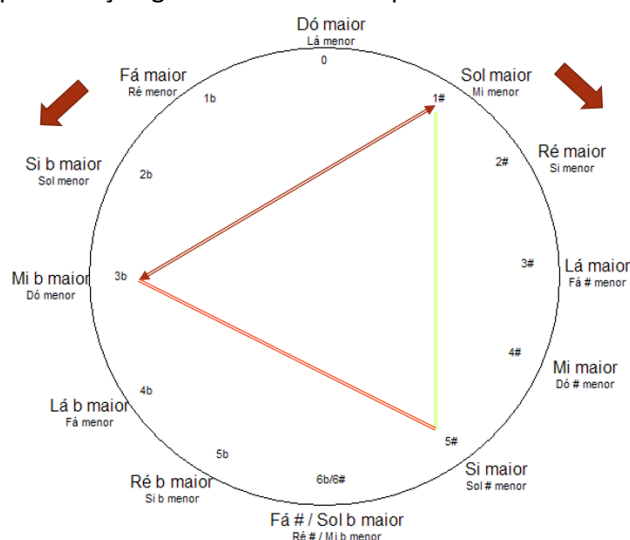


Figura 8: A roda das quintas.

O caminho pela roda seja no sentido horário quanto anti-horário permite acessar todas as doze tonalidades da música ocidental, ou seja, as sete notas naturais – dó, ré, mi, fá, sol, lá e si, mais as cinco tonalidades correspondendo a acidentes – dó sustenido/ré bemol, ré sustenido/mi bemol, fá sustenido/sol bemol, sol sustenido/lá bemol e lá sustenido/si bemol.

Uma curiosidade que surge ao ligar a tonalidade de mi bemol maior, ou seja, a tonalidade iniciática, com sol maior, ou seja, a tonalidade profana, obtém-se um dos lados de um triângulo equilátero que é completado com a tonalidade de si maior. Entretanto, não consta que Mozart tenha jamais composto alguma peça em si maior; porém na flauta mágica encontramos o canto dos iniciados em mi bemol maior (três bemóis) e o dos profanos em sol maior (um sustenido). Assim, a interpretação de que o profano e o maçom se encontram em polos opostos desrespeito aos vértices do triângulo e não do diâmetro do círculo.

Outro elemento que chama atenção na Figura 8 consiste nas tonalidades de acordes *menores*. Relembrando, um acorde maior consiste em uma nota chamada fundamental, a qual dá nome ao acorde, seguida de uma terça com quatro semitons acima e uma quinta com sete semitons acima da fundamental. Já o acorde *menor* consiste em uma nota fundamental e uma terça a apenas três semitons acima da fundamental, e a uma quinta igualmente a sete semitons da fundamental. Assim, se o acorde de dó maior é formado pelas notas dó, mi e sol, o acorde de dó menor é formado pelas notas dó, mi bemol e sol.

Na pauta musical a tonalidade de dó menor conta com três bemóis, ou seja, a mesma quantidade e tipo de acidente que a tonalidade de mi bemol maior.

Ao contrário das harmonias maiores, usualmente alegres, as tonalidades menores parecem ser mais tristes e sombrias ao ouvido humano. Assim, Mozart utiliza as tonalidades menores procurando indicar algo que ainda não está completo, algo que busca a perfeição, mas que ainda não a atingiu.

Dó menor, portanto, é o canto do candidato à iniciação que ainda não obteve o seu intento. Lá menor, com zero acidentes, seria a tonalidade da divindade ainda incompleta. E assim por diante. A Figura 8 apresenta para cada tonalidade maior na roda das quintas a sua correspondente menor com a mesma quantidade e tipo de acidentes.

Cosmogonia da Flauta Mágica

O universo de personagens da Flauta Mágica e seus significados começa com dois opostos que entre si guerreiam, o Sol e a Lua, ou a luz e as trevas. A luz é representada por Sarastro (possivelmente uma corruptela proposital do nome “Zoroastro”), inicialmente apresentado como um gênio maligno, mas que depois se revela como o grão-mestre dos iniciados. Em oposição a ele está a Rainha da Noite que é inicialmente apresentada como uma mãe preocupada, mas que depois se revela uma pessoa vingativa, egoísta e maligna. Ela é um dos poucos personagens, se não o único, que do elenco principal, não tem seu nome revelado, sendo conhecida apenas como “Rainha da Noite”.

A estes dois opostos complementam-se quatro personagens principais, cada um dos quais representando um dos quatro elementos alquímicos. Pois sejam, Tamino, um príncipe do Egito que vem do Oriente em busca da iniciação, o qual representa o elemento *fogo* e a encarnação da vontade e da profundidade intelectual, e Papageno, o caçador de aves que representa o elemento *ar*, pois para ele apenas as coisas menos densas da vida são importantes – comida, bebida e o aconchego de um lar, para eles

são suficientes – ele não tem a profundidade de caráter necessária para obter a iniciação, e por isso é rejeitado.

Complementando, tem-se Pamina, que representa o elemento *água*, a qual, na história, é uma princesa, filha da Rainha da Noite, a qual consiste no ideal buscado por Tamino.

Finalmente, Monóstatos, inicialmente um servidor de Sarastro, mas que por seus vícios fortemente ligados ao elemento terra, das paixões irrefreadas, acaba se colocando ao lado da Rainha da Noite. A Figura 9 resume os seis personagens principais e seus respectivos elementos e astros.



Figura 9: principais personagens da flauta mágica e seus simbolismos.

Há outros personagens secundários formados por dois grupos de três pessoas. O primeiro grupo consiste nas três damas que apesar de trabalharem para a Rainha da Noite apresentam a Tamino o objetivo (Pamina) que o leva ao templo, onde está sua princesa. O simbolismo delas pode consistir no fato de que o profano é levado ao processo iniciático ainda na escuridão e na ignorância.

O segundo grupo de personagens consiste nos três meninos, que representam a divindade, e que dão conselhos a Tamino e Papageno durante suas provas.

A História

A flauta mágica apresenta-se como uma obra de conotação profana e iniciática. Do ponto de vista profano é a história de um príncipe que busca salvar uma princesa aprisionada por um gênio malvado. Porém, há uma reviravolta da história e o príncipe acaba sendo iniciado no grupo presidido por este gênio que acaba se revelando como uma boa pessoa.

Do ponto de vista iniciático a Flauta Mágica representa o processo íntimo da busca por um ideal, sendo a busca representada pelo fogo de Tamino e pela água de Pamina. Ao longo desta jornada valores e símbolos maçônicos são apresentados, e reconhecíveis pelos iniciados, em especial, a prova do fogo e a prova da água pelas quais Tamino e Pamina passam no final da peça.

A Serpente e as Três Damas

A Flauta Mágica inicia com uma abertura totalmente instrumental representando o *caos* anterior à história no qual ressoam eventualmente os três toques sincopados (tá, daaan, daaan) que correspondem à bateria de aprendiz do rito que Mozart praticava.

O ato seguinte mostra um cenário cheio de rochedos selvagens simbolizando claramente aqui a pedra bruta associada ao estado atual do príncipe Tamino. Ele é identificado como um príncipe vindo do Japão ou seja do Oriente de onde vem a luz. Ele possui um arco, porém não tem flechas, indicando que embora tenha uma arma não tem como usá-la para se proteger de uma serpente gigante que o persegue.

Esta serpente simboliza os medos e as paixões não controladas de Tamino, assim como seus vícios. Após pedir ajuda aos deuses ele finalmente cai exausto e quando está para ser devorado pela serpente aparecem as três damas cobertas por véus, as quais matam a serpente e são seduzidas pelo jovem príncipe desacordado.

As súplicas de Tamino aos deuses são cantadas em dó menor (três bemóis), simbolizando uma busca ainda incompleta pela perfeição iniciática. Aparição das damas da noite matando a serpente é realizada na tonalidade de lá bemol maior (quatro bemóis), indicando que a subjugação dos vícios de Tamino ocorre apenas no contexto físico dos quatro elementos.

O júbilo das damas pelo sucesso no extermínio da serpente é cantado brevemente em mi bemol maior (três bemóis), indicando aqui um prelúdio dos valores iniciáticos, o qual, porém, não se sustenta por muito tempo.

Após sentirem atração pelo príncipe começam a discutir entre elas quais irão chamar a rainha da noite e qual ficará a sós com o príncipe para cuidar dele até a chegada da rainha. Esta parte da cena é cantada em sol maior (um sustenido) indicando o vício profano e o egoísmo. Apesar de se apresentarem como um grupo coeso, cada uma delas tem seus próprios objetivos egoístas.

Despertar de Tamino e Entrada de Papageno

Ao acordar, Tamino desconhece ter sido salvo pelas damas que já saíram de cena. No lugar delas encontra Papageno, um personagem alegre, vestido com plumas e carregando uma gaiola na qual aprisiona pequenas aves, segundo ele, para a Rainha da Noite. Papageno representa o elemento ar, pois não tem densidade. Tamino vê nele seu salvador ao que Papageno concorda, embora ignorasse o que tinha acontecido. Papageno é então o personagem que não é mau, mas que também não tem profundidade de

caráter. Seu canto, como não poderia deixar de ser, é em sol maior (um sustenido).

Em seguida, as três damas retornam, e tendo ouvido as mentiras de Papageno colocam um selo em seus lábios, simbolizando o silêncio próprio ao grau de aprendiz e sobre o processo iniciático.

Com Papageno silenciado, as três damas apresentam a Tamino um medalhão com a imagem de Pamina, e pedem a ele que a liberte de Sarastro. Tamino recebe a missão que acende seu fogo (vontade) para a busca pelo ideal. Neste ponto, ele canta em mi bemol maior (três bemóis), indicando que, apesar de ainda viver nas trevas, tem um desejo genuíno de alcançar a luz.

A Rainha da Noite

Tamino deseja sair imediatamente em busca de Pamina, mas é impedido pelas três damas, que lhe pedem para aguardar a chegada da Rainha da Noite, a qual lhe dará maiores informações sobre sua busca.

A Rainha da Noite aparece e conta a Tamino a história do rapto de Pamina por Sarastro. Ela reitera a ordem para que ele vá em busca de Pamina, e informa que o caminho é difícil e que ele terá que enfrentar tempestades (elemento “ar” e “água”) e o inferno (elemento “fogo” e “terra”).

Simbolicamente, a tentativa de Tamino de sair em busca do seu ideal é dificultada pela ignorância na qual ele vive; a Rainha da Noite e suas três damas ao lhe passarem informações incompletas ou erradas encarnam esta cegueira e ignorância. Tamino não sabe para onde ir e pede às três damas qual a direção a seguir. Elas, porém, não sabem como dirigi-lo ao templo.

Neste ponto os três meninos, que representam o divino, descem dos céus e explicam a Tamino que irão ajudá-lo com instruções e conselhos. Este momento simboliza a captura do profano e as eventuais orientações dadas a ele em relação ao processo de iniciação, em especial, de que ele não deve se afobar na busca pela sabedoria.

Também tenta sair de novo, mas novamente é barrado, desta vez por Papageno. Simbolicamente, a busca pelo ideal, nesta cena, mostra os riscos de fracasso num processo iniciático. As damas da noite representam a ignorância que é colocada como um primeiro obstáculo da busca pela iniciação, visto que o profano não tem a menor ideia do que lhe aguarda. No segundo momento, o próprio Papageno apresenta-se como um obstáculo; ele encarna o elemento “ar”, e representa aqui o desinteresse pelo estudo e pela prática da virtude. Papageno não é mau, mas ele não tem condições de obter a iniciação.

Algumas cenas mais adiante, Tamino e Papageno encontram-se diante de um templo. Os três

meninos aparecem novamente e explicam a Tamino e Papageno que eles devem prestar muita atenção às seguintes regras: não perder o controle, ser firme, silencioso e obediente. Coerentemente, os três meninos cantam em dó maior (sem acidentes). Eles dão a Tamino aquilo que as três damas não podiam lhe dar: as virtudes buscadas no candidato à iniciação. No seu microcosmo, Tamino rejeita os conselhos da ignorância (três damas) e aceita os da sua própria inspiração (três meninos).

Neste ponto, Tamino pede aos três meninos que lhe digam quando Pamina será libertada, ou seja, quando ele obterá o ideal que busca. Os meninos respondem dizendo que não podem contar, mas que ele terá que se manter fiel aos conselhos que lhe deram e repetem “seja firme, silencioso e obediente”.

Tamino aceita os conselhos, e observa que o templo tem três portas. Aventura-se sozinho batendo profanamente na primeira porta, a qual dá acesso ao Templo da Razão. Neste ponto, ele canta em ré maior (dois sustenidos), o que significa que ele vem com espírito de luta e antagonismo. Como Tamino ainda não tem a ferramenta da sabedoria para poder usar a razão adequadamente ele é repelido deste tempo por uma voz que do seu interior responde em si bemol maior (dois bemóis), indicando que é um iniciado que se coloca em oposição a ele.

Após ser repelido no primeiro templo, Tamino não consegue cantar mais na tonalidade iniciática (mi bemol maior – três bemóis), mas se lamenta em sol menor (dois bemóis), indicando que busca algo que para ele ainda não está muito claro.

A segunda porta corresponde ao Templo da Natureza, que também o repele, desta vez em mi bemol maior (três bemóis), o que marca Tamino de forma definitiva, mas que não o fazem desistir de sua busca.

Ainda resta uma porta, desta vez o Templo da Sabedoria. Ao tentar esta porta Tamino canta em do menor (três bemóis), indicando que embora ainda não tenha todas as virtudes, ele está no caminho para obtê-las.

Tamino é aceito, então, no Templo da Sabedoria. Neste templo ele encontra um idoso que corresponde ao *orador* ou *experto* da loja, que ele faz várias perguntas (sindicância). Observa-se que o orador mantém do início ao fim a tonalidade de mi bemol maior (três bemóis). Tamino também inicia a longa entrevista nesta tonalidade, mas à medida que suas convicções são colocadas em cheque, ele não consegue manter a calma e dispara quase que histericamente em diferentes tonalidades profanas. Os violinos ajudam a representar seu estado de fúria e descontentamento.

Neste ponto, Tamino ainda acredita que Sarastro é maligno, ao que o orador se contrapõe,

dizendo que ele é um homem bom e sábio e que a Rainha da Noite o está enganando.

Interessante notar que a primeira pergunta do orador é “o que quereis aqui?”. Ele responde indicando que procura a dona do seu coração (ideal). O orador responde que a causa é merecedora, mas que mesmo assim ele não será admitido, o que remete possivelmente à cerimônia da taça sagrada.

O orador segue dizendo que não é por amor que ele está ali, mas por causa dos poderes do mal aos quais ele se submeteu. Tamino pede por vingança, mas o orador responde que neste templo ele não a achará.

Após Tamino afirmar que Sarastro é um ser vil e maligno, o orador pede-lhe que explique as suas razões. Após uma tempestade de acusações por parte de Tamino o orador começa a esclarecê-lo indicando que está enganado e que é a Rainha da Noite o iludiu. Possivelmente trata-se de uma referência jocosa de Mozart à Imperatriz da Áustria que, na época, perseguia a Maçonaria).

Após mais algumas partes de diálogo, o orador pede que Tamino seja paciente, que ele está instruído para não falar e que deve manter seu voto. Tamino pergunta quando saberá a resposta. O orador responde dizendo que assim que tudo for compreendido ele se unirá à sua fraternidade. Com isto finaliza-se a sindicância com a lição de que a iniciação não é algo que possa ser descrito ou contado, mas algo que precisa ser vivido com paciência e obediência.

Tamino, deixado nas trevas, consulta a noite infinita que o cobre e pergunta quando a escuridão irá clarear. As vozes de um coral respondem que *logo* ou *nunca* ele terá as respostas. Neste ponto a lição é de que o indicado à iniciação ou será recebido ou será carbonizado, de forma que não haja uma segunda chance de ingresso na Maçonaria.

Recepção às Provas (Terra e Ar)

Neste ponto, Sarastro chega ao templo, e sendo informado que há dois candidatos à iniciação (Tamino e Papageno), ordena que seus olhos sejam cobertos até seus corações se purificarem. Isto corresponde ao tempo em que os candidatos ficam vendados e alheios ao local onde estão e ao que está acontecendo até que alcancem a iniciação. Os personagens são literalmente vendados neste ponto e seguem para as provas de iniciação.

Na sequência, Sarastro está em assembleia com seus irmãos. Este momento corresponde à apresentação dos profanos a loja e a respectiva votação. Sarastro informa que eles estão esperando no portão norte (o portão da escuridão), e desejam alcançar um objetivo na vida, aspirando se tornarem sócios da fraternidade.

Um irmão pergunta se Tamino é virtuoso; outro irmão pergunta se ele é corajoso; finalmente, um terceiro pergunta se ele é discreto. Sarastro responde afirmativamente às três questões, e pergunta aos irmãos se estão dispostos a recebê-lo às provas iniciáticas, ao que todos concordam.

Neste ponto inicia uma das mais belas partes da ópera, na qual Sarastro faz a oração em prol dos candidatos. Literalmente o texto invoca Ísis e Osíris para que protejam os candidatos às provas.

Em seguida, Sarastro ordena que dois Irmãos (espertos) cubram o templo para encaminhar Tamino e Papageno à primeira prova, a prova da terra, para a qual eles comandam que fiquem em silêncio, e aguardem o tempo que for necessário.

O esperto que encaminha Tamino pergunta se ele deseja obter a sabedoria, ao que ele responde positivamente. Já Papageno, quando arguido, responde que uma boa noite de sono, uma mesa farta e uma mulher bonita é tudo o que ele precisa. Apesar disso, ele é admitido à primeira prova, juntamente com Tamino

Ambos são conduzidos a uma caverna na qual as três damas lhes encham os ouvidos com informações falsas sobre Sarastro e a fraternidade. Tamino resiste à prova em silêncio, mas Papageno não consegue porque está muito assustado. Tamino, então, passa nesta primeira prova e Papageno é colocado de lado.

A prova do ar aparece de forma mais sutil na ópera. A rigor, o personagem que passa por esta prova é Pamina. Isto ocorre porque Tamino precisa manter o voto de silêncio e Pamina pergunta se ele a ama. Como ele não responde, ela se desespera e busca um meio de se matar. Porém dos céus (elemento “ar”) descem os três meninos, desta vez dando conselhos a Pamina e explicando que Tamino não lhe respondeu por ter feito um voto de silêncio.

Enquanto isso, no Reino das Trevas

Uma das árias mais famosas da Flauta Mágica é o canto da Rainha da Noite, que ordena a Pamina que mate Sarastro e assim a vingue por tê-la sequestrado. Isso ocorre logo depois de Monóstatos tentar violentar Pamina, sem sucesso. Simbolicamente, Monóstatos tem predominância do elemento terra e, assim, a tentação da carne lhe é especialmente forte. Ao violentar Pamina ele realiza a destruição do ideal.

Já a Rainha da Noite mostra a ignorância (trevas) também buscando corromper a sabedoria (Sarastro – luz) através da ambição e vingança. A ária tão famosa é, na verdade, um canto furioso de ódio e de vingança. O canto agudo corresponde à histeria da Rainha da Noite em seu desejo cego de vingança. Pamina, porém, não aceita este comando e com isto

Monóstatos e a Rainha da Noite se vão sem macular Pamina.

O Destino de Papageno

Como Papageno falhou na primeira prova ele é colocado de lado no processo iniciático e substituído por Pamina nas duas provas finais. Na época de Mozart, as iniciações normalmente eram feitas em pares. Quando um candidato era proposto à loja, normalmente seria buscado outro profano para que ambos tenham um irmão gêmeo (Chailley, 1994). Talvez por isso, na história, o processo iniciático ocorra com um par e não com um indivíduo.

Como Papageno não tem a consistência de uma pedra bruta que se possa burilar, ele é recusado para a iniciação. Porém, ele recebe uma esposa, identificada como “Papagena”, com a qual ele promete fazer muitos e muitos filhos.

Aqui, observa-se que Mozart fez uma pequena brincadeira com as pessoas que não tem densidade intelectual para participar da fraternidade. Mozart chegou a dizer que havia muitos papagenos no mundo e que eles se multiplicam sem controle. Simbolicamente pode-se dizer que pessoas identificadas com Papageno se multiplicam sem maior esforço, mas pessoas que corresponde à pedra bruta precisam ser lapidadas com muito esforço para que se transformem em um material útil para a grande obra.

Ser um Papageno, então, tornou-se um adjetivo aplicado a pessoas fúteis.

As Últimas Provas

No auge da peça, Tamino é apresentado ao local onde fará a prova do fogo e a prova da água. Por alguma razão, Mozart inverteu a ordem em que essas provas são usualmente realizadas: primeiro a água depois o fogo. Porém a correspondência entre a ópera e a iniciação não deixa dúvidas do que se trata.

Diante da terceira prova, a prova do fogo, dois espertos, um tenor e um baixo, cantam uma ária baseada em um hino de Martinho Lutero, “*Ach Gott, vom Himmel sieh darein*”, o qual menciona a purificação da prata pelo fogo.

Os quatro elementos são aqui representados pelas vozes dos expertos acompanhadas de instrumentos de sopro, um mais agudo, e outro mais grave. O efeito final é de quatro melodias idênticas cantadas em quatro diferentes oitavas. Não se tem notícia de alguma construção musical equivalente a essa antes da Flauta Mágica. Diz-se que, entre outras coisas, Mozart foi um grande inventor na história da música pelas inovações que fazia em suas obras. Johann S. Bach, por outro lado, não inventou muita coisa nova, mas aperfeiçoou enormemente aquilo que

já existia, como, por exemplo, a “arte da fuga” e “o cravo bem temperado”.

Antes de Tamino entrar na caverna para a terceira prova, Pamina aparece e explica que a flauta mágica está ligada aos quatro elementos pois ela foi esculpida a partir de um antigo carvalho (elemento “terra”), à meia-noite, com chuvas (elemento “água”) e trovões (elementos “ar” e “fogo”).

Tamino é avisado que se ele controlar os quatro elementos de seu eu com a ajuda da flauta, a ferramenta iniciática que corresponde ao quinto elemento, ele poderá passar pelas provas. E assim acontece. O casal representando a vontade e o ideal não corrompidos avançam no templo e são finalmente admitidos.

A Vitória da Luz sobre as Trevas

Logo após a canção vitoriosa, aparecem a Rainha da Noite e seu séquito, incluindo as três damas e Monóstatos. Eles invadem o templo a partir de seus subterrâneos e buscam destruir Sarastro e seu trono (cantos em dó menor – três bemóis.).

O ensinamento simbólico aqui é que após uma iniciação vitoriosa, se não houver precaução, os vícios da ignorância (rainha da noite), da luxúria (Monóstatos) e outros, podem novamente surgir e destruir tudo o que se ganhou no processo iniciático.

A simples aparição de Sarastro com uma forte luz destrói o poder das trevas e suas encarnações são lançadas no abismo. Um hino final ao Sol e o poder da luz encerra a peça com mi bemol maior (três bemóis). Entre outras partes o hino diz que a escuridão se rende à sabedoria e a luz, e que a beleza e a virtude compartilham sua coroa.

Conclusões

As interpretações iniciáticas da Flauta Mágica não foram em momento algum explicitamente enunciadas por Mozart. Mozart escreveu a peça com o desejo sincero de homenagear são os irmãos maçons. Sendo assim, supõem-se que ele tenha preenchido esta ópera com símbolos e ensinamentos maçônicos, o que coube a outros pesquisadores identificar.

Esta exegese da Flauta Mágica provém principalmente da leitura de dois trabalhos (Chailley, 1994) e (Jacq, 2006), mas também de conceitos da teoria musical e da prática da Maçonaria.

Algumas versões da flauta mágica estão disponíveis em *streamers* de vídeo como o YouTube, mas em especial a versão de Ingmar Bergman (1975), traduzida para o sueco, maravilhosamente combinam a música com uma peça teatral apresentada na forma de um filme muito especial, realizado por este cineasta.

Uma inteligência artificial, perguntada sobre qual o simbolismo da Flauta Mágica responde que

“apresenta-se como uma ópera de formação e como uma alegoria para as provações pelas quais o homem precisa passar para sair das trevas do pensamento medieval em direção da luz iluminista” e assim o é.

Bibliografia

BERGMAN, Ingmar. *Die Zauberflöte* [A Flauta Mágica]. Suécia: Sveriges Television, 1975. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ufQxByt7dNM>.

Acesso em: 24 abr. 2026.

CHAILLEY, Jacques. *A flauta mágica: ópera maçônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

JACQ, Christian. *Mozart: o amado de Ísis*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

JACQ, Christian. *Mozart: o filho da luz*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

JACQ, Christian. *Mozart: o grande mago*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

JACQ, Christian. *Mozart: o irmão do fogo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Lafonte, 2017.

O GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO: Abordagens históricas, filosóficas e simbólicas na tradição maçônica

Julio C. Gerard ¹

Resumo:

O conceito do Grande Arquiteto do Universo constitui um dos pilares simbólicos e espirituais mais relevantes dentro da tradição maçônica. Ao longo da história da Maçonaria, esse símbolo passou por várias interpretações ligadas a diferentes contextos históricos, filosóficos e religiosos. O presente artigo analisa a evolução histórica do conceito desde a Maçonaria Operativa medieval até as constituições maçônicas modernas, examinando particularmente sua relação com as ideias de divindade, geometria, ordem universal e liberdade de consciência. Da mesma forma, as diferentes correntes filosóficas associadas ao teísmo, deísmo, agnosticismo e ateísmo são estudadas, com o objetivo de compreender a amplitude interpretativa que a Maçonaria concede ao Grande Arquiteto do Universo como o princípio criativo e ordenador do cosmos. Por fim, reflete sobre a dimensão ética e espiritual do símbolo dentro do processo iniciático maçônico, destacando sua função como elemento integrador de homens de diferentes crenças e como base na busca por melhoria moral.

Palavras-chave: Maçonaria; Grande Arquiteto do Universo; simbolismo maçônico; espiritualidade; teísmo; Filosofia maçônica.

Abstract:

The concept of the Great Architect of the Universe constitutes one of the most significant symbolic and spiritual pillars within the Masonic tradition. Throughout the history of Freemasonry, this symbol has undergone different interpretations associated with diverse historical, philosophical, and religious contexts. This paper analyzes the historical evolution of the concept from medieval Operative Masonry to modern Masonic constitutions, focusing particularly on its relationship with ideas of divinity, geometry, universal order, and freedom of conscience. Furthermore, the study examines the philosophical perspectives related to theism, deism, agnosticism, and atheism in order to understand the broad interpretative framework through which Freemasonry approaches the Great Architect of the Universe as a creative and ordering principle of the cosmos. Finally, the article reflects on the ethical and spiritual dimensions of the symbol within the Masonic initiatory process, emphasizing its role as an integrating element among individuals of different beliefs and as a foundation for the pursuit of moral improvement.

Keywords: Freemasonry; Great Architect of the Universe; Masonic symbolism; spirituality; theism; Masonic philosophy.

¹ Diretor Acadêmico do Instituto de Auxílio à Formação Maçônica da Grande Loja da Maçonaria do Uruguai; Vice-Reitor Geral da Academia de Estudos Maçônicos Superiores da CMI para a VI zona. E-mail: juliogerard@gmail.com.uy

Introdução

A ideia do Grande Arquiteto do Universo representa um dos símbolos fundamentais da tradição maçônica e constitui, ao mesmo tempo, um dos conceitos mais amplos e complexos dentro de sua estrutura doutrinária e filosófica. Sua interpretação variou historicamente de acordo com os diferentes contextos culturais, religiosos e filosóficos em que a Maçonaria se desenvolveu, permitindo que homens de diferentes credos e concepções espirituais se reunissem sob o mesmo ideal de fraternidade e perfeição moral.

Desde as antigas guildas medievais de construtores até as modernas constituições das obediências maçônicas contemporâneas, o conceito do Grande Arquiteto do Universo tem sido associado à noção de um princípio criativo, ordenador e harmonizador do cosmos. Essa concepção tem raízes tanto nas tradições religiosas ocidentais quanto em correntes filosóficas ligadas à geometria, à ordem natural e à existência de leis universais capazes de governar a vida humana e a natureza.

Nesse sentido, o pensamento de Galileu Galilei é particularmente significativo quando ele afirma que o universo está escrito em linguagem matemática e que seus caracteres são figuras geométricas. Essa ideia nos permite entender por que a geometria adquiriu uma importância central dentro da tradição maçônica, especialmente a partir da identificação simbólica entre o arquiteto, o geômetro e o princípio de ordenação do universo.

O objetivo desta obra é analisar a evolução histórica, filosófica e simbólica do conceito do Grande Arquiteto do Universo, estudando as principais referências doutrinárias presentes nas antigas constituições maçônicas, bem como as diferentes interpretações filosóficas desenvolvidas em torno da ideia de divindade dentro da Maçonaria.

Contexto Histórico do Grande Arquiteto do Universo Conceito

O estudo da origem histórica do conceito do Grande Arquiteto do Universo necessariamente se refere às tradições da Maçonaria Operativa medieval. Diversos autores apontaram a dificuldade de estabelecer com precisão um ponto de origem definido para a instituição maçônica, razão pela qual numerosos textos recorrem a expressões como "a noite do tempo" ou "o berço da sociedade humana" para se referir aos seus antecedentes históricos.

Os construtores medievais tinham uma concepção profundamente religiosa do trabalho arquitetônico e da construção sagrada. Segundo Eduardo Callaey, o conhecimento relacionado à construção de templos e edifícios religiosos teria sido

transmitido aos maçons por monges beneditinos, o que explicaria a forte presença de invocações religiosas nos antigos estatutos e documentos operacionais.

Um dos exemplos mais significativos encontra-se nos Estatutos dos Pedreiros de Bolonha de 1248, cuja invocação inicial afirmava: "In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amém." De forma semelhante, a Constituição de York de 926 referia-se ao "Poder Soberano do Deus eterno, Pai e Criador do Céu e da Terra", evidenciando assim a forte influência cristã presente nas primeiras organizações de construtores.

A ligação entre Maçonaria e geometria aparece mais claramente em documentos posteriores, particularmente no manuscrito Regius ou Halliwell, datado de cerca de 1390, onde a geometria é considerada a base da arte maçônica. De forma semelhante, o manuscrito da Grande Loja nº 1 de 1583 sustenta que todas as artes liberais se baseiam na geometria, uma ciência diretamente identificada à Maçonaria.

Essas referências têm antecedentes filosóficos importantes em autores clássicos como Platão e Plutarco. Este último, em suas *Conversas Conviviais*, afirmou que "Deus sempre usa procedimentos geométricos", uma expressão que mais tarde seria adotada por várias correntes filosóficas e esotéricas.

Constituições de Anderson e a evolução doutrinária do conceito

A fundação da Grande Loja de Londres e Westminster em 24 de junho de 1717 marcou um ponto de virada na história da Maçonaria moderna. A partir desse momento começou o processo de organização doutrinária da Maçonaria especulativa, cuja consolidação ocorreu com a publicação das Constituições de Anderson em 1723.

Nessas constituições, James Anderson definiu os princípios fundamentais da nova maçonaria especulativa e estabeleceu, em seu primeiro artigo, a obrigação do maçom de obedecer à lei moral e não se tornar "um ateu estúpido ou um libertino irreligioso". Essa formulação evidencia a continuidade da tradição espiritual herdada da Maçonaria Operativa, embora adaptada a um contexto social e religioso mais amplo.

Subsequentemente, as modificações introduzidas nas constituições de 1738 e as reformas derivadas da união das Grandes Lojas inglesas em 1813 ampliaram o escopo do conceito, reforçando especialmente a ideia de liberdade de consciência e tolerância religiosa.

A constituição resultante de 1813 determinava que um maçom deveria reconhecer o "Glorioso Arquiteto do Céu e da Terra", permitindo que homens de diferentes denominações religiosas ingressassem na

Ordem, desde que reconhecessem um princípio criativo superior.

Essa evolução doutrinária tornou possível que o Grande Arquiteto do Universo se transformasse progressivamente em um símbolo universal de união fraterna e não exclusivamente em uma referência confessional específica.

O Grande Arquiteto do Universo como Símbolo Filosófico e Espiritual

Dentro da tradição maçônica, o Grande Arquiteto do Universo tem sido interpretado como um símbolo de ordem, harmonia e princípio criativo. A identificação entre divindade e geometria tornou possível compreender o universo como uma estrutura governada por leis naturais e princípios racionais.

A geometria assim adquiriu um caráter simbólico central dentro da Maçonaria, representando a ordem capaz de superar o caos e estabelecer harmonia no universo. Essa concepção está diretamente relacionada à expressão maçônica tradicional "Ordo ab Chao", entendida como a transformação da desordem em equilíbrio universal.

De uma perspectiva filosófica, interpretações do Grande Arquiteto do Universo oscilaram entre várias escolas de pensamento. O teísmo sustenta a existência de um Deus criador comprometido com a manutenção e o governo do universo; o deísmo considera Deus exclusivamente como o criador inicial; enquanto agnosticismo e ateísmo rejeitam, em graus variados, a possibilidade de afirmar racionalmente a existência de um princípio divino.

No campo maçônico, a ideia do Grande Arquiteto do Universo historicamente funcionou como um conceito integrador capaz de admitir diferentes interpretações pessoais sem impor uma única definição dogmática. Nesse sentido, vários rituais maçônicos contemporâneos afirmam que a interpretação do símbolo depende da consciência individual e das convicções filosóficas ou religiosas de cada iniciado.

Dimensão ética e espiritual do símbolo

A tradição maçônica historicamente vinculou o conceito do Grande Arquiteto do Universo à perfeição moral do ser humano. O trabalho iniciático simbolizado pela escultura da pedra bruta representa o esforço constante do indivíduo para alcançar maior harmonia interior e conduta ética baseada na fraternidade, tolerância e busca pela verdade.

Sob essa perspectiva, o símbolo do Grande Arquiteto do Universo refere-se não apenas a um princípio criativo transcendente, mas também a uma dimensão interior ligada ao autoconhecimento e à consciência moral. A espiritualidade maçônica é então apresentada como uma experiência de transformação

individual orientada para superar as limitações humanas e desenvolver virtudes capazes de contribuir para a melhoria da sociedade.

Diversos autores maçônicos sustentaram que o verdadeiro trabalho iniciático não consiste apenas na aquisição de conhecimento simbólico, mas na construção de um templo interior baseado na coerência entre pensamento, consciência e ação.

Conclusões

O conceito do Grande Arquiteto do Universo ocupou um lugar central na tradição maçônica, desde suas origens operacionais até as formas contemporâneas da Maçonaria especulativa. Sua evolução histórica demonstra uma expansão doutrinária progressiva orientada para a tolerância religiosa e a liberdade de consciência.

As antigas constituições maçônicas, os rituais iniciáticos e as várias correntes filosóficas ligadas à Maçonaria coincidem ao apresentar o Grande Arquiteto do Universo como símbolo de ordem, harmonia e princípio criativo. Longe de constituir uma definição dogmática fechada, esse símbolo permite a coexistência de múltiplas interpretações espirituais e filosóficas dentro de um quadro comum de fraternidade.

Da mesma forma, o estudo realizado nos permite afirmar que o simbolismo do Grande Arquiteto do Universo possui uma profunda dimensão ética ligada à perfeição moral do ser humano. A busca pela verdade, o desenvolvimento da consciência e o exercício da fraternidade aparecem, assim como elementos essenciais do processo iniciático maçônico.

Consequentemente, o Grande Arquiteto do Universo continua a representar, dentro da tradição maçônica contemporânea, um princípio integrador capaz de unir homens de diferentes crenças em torno de ideais comuns de liberdade, tolerância e aprimoramento espiritual.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, James. *As constituições dos maçons*. Tradução e edição de José Antonio Ferrer Benimeli. Madrid: Ediciones Masónicas, 2011. Obra original publicada em 1723.
- ANDERSON, James. *As constituições dos maçons: segunda edição revisada e ampliada*. Tradução de José Antonio Ferrer Benimeli. Madrid: Ediciones Masónicas, 2011. Obra original publicada em 1738.
- CALLAEY, Eduardo. *As origens cristãs da maçonaria*. Buenos Aires: Kier, 2006.
- CONSTITUIÇÃO de York. In: FERRER BENIMELI, José Antonio (ed. e trad.). *Antiguos deberes y constituciones masónicas*. Madrid: Ediciones

Masónicas, 2011. p. 11-15. Documento original de c. 926.

CORVALÁN, A. *Os marcos da maçonaria: limites antigos*. [S.l.]: Ediciones de la Fe, 2008.

FERRATER MORA, José. *Dicionário de filosofia*. 9. ed. Madrid: Alianza Editorial, 2004. v. 4.

FIGUEREDO, Óscar. *Maçonaria no mundo contemporâneo – maçonaria francesa*. GADU.ORG. Disponível em: <https://www.gadu.org/antologia/las-masonerias-en-el-mundo-contemporaneo-segunda-entrega-oscar-figueredo/>. Acesso em: 28 jun. 2026.

GALILEI, Galileu. *O ensaiador*. Tradução de M. G. Carra de Vaux. Madrid: Alianza Editorial, 2001. Obra original publicada em 1623.

GOULD, Robert Freke. *História da maçonaria ao redor do mundo*. v. 3. Reimpressão digital, 2010. Disponível em: <https://archive.org/>. Acesso em: 28 jun. 2026. Obra original publicada em 1885.

GRANDE LOJA DA MAÇONARIA DO URUGUAI. *Ritual do primeiro grau simbólico (aprendizagem) do antigo rito escocês aceito*. Montevideú, 1998.

GRANDE LOJA DA MAÇONARIA DO URUGUAI. *Ritual do primeiro grau simbólico do antigo rito escocês aceito*. Montevideú, 2022.

GRANDE LOJA UNIDA DA INGLATERRA. *As constituições dos maçons*. Tradução de José Antonio

Ferrer Benimeli. Madrid: Ediciones Masónicas, 2011. Obra original publicada em 1815.

HALL, Manly Palmer. *Os ensinamentos secretos de todas as idades*. Tradução de José Antonio Ferrer Benimeli. Buenos Aires: Kier, 2003. Obra original publicada em 1928.

HAWKING, Stephen; MLODINOW, Leonard. *O grande design*. Tradução de D. González. Barcelona: Crítica, 2011. Obra original publicada em 2010.

HUXLEY, Thomas Henry. *Agnosticismo e cristianismo e outros ensaios*. Tradução de J. A. Pérez Tapias. Madrid: Alianza Editorial, 1996. Obra original publicada em 1889.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de Pedro Ribas. Madrid: Gredos, 2009. Obra original publicada em 1787.

KIERKEGAARD, Søren. *Pós-escrito definitivo e não científico para migalhas filosóficas*. Tradução de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 1992. Obra original publicada em 1846.

PLUTARCO. *Conversas conviviais*. Livro VIII, seção 2. Tradução de Antonio Pérez Jiménez. Madrid: Gredos, 1996. Obra original de c. 100.

VOLTAIRE. *Diálogos filosóficos*. Tradução de José Luis Aranguren. Madrid: Alianza Editorial, 2007. Obra original publicada em 1763.

A HARMONIA NAS SESSÕES MAÇÔNICAS: Uma leitura ritualística, simbólica e neurocientífica

Avelino Lombardi Junior ¹

Resumo:

A Harmonia nas sessões maçônicas transcende sua dimensão estética e musical, configurando-se como um princípio estruturante da experiência ritualística e do processo de formação maçônico. Este estudo propõe uma análise integrada da Harmonia sob três perspectivas complementares: simbólica, ritualística e neurocientífica, evidenciando seu papel como elemento organizador do ambiente, da consciência e da aprendizagem. A partir da tradição iniciática, demonstra-se que a disposição espacial, a luz, o silêncio e a música atuam como instrumentos pedagógicos capazes de ordenar a experiência interna do indivíduo, em consonância com princípios filosóficos clássicos que associam a ordem externa à construção da ordem interior. Nesse contexto, a Harmonia contribui diretamente para a formação da egrégora, compreendida como o campo coletivo resultante da interação entre estados mentais e emocionais dos participantes. Sob a ótica da Neurociência, evidencia-se que os elementos ritualísticos mobilizam processos fundamentais da aprendizagem, como atenção, emoção, repetição e participação corporal, potencializando a consolidação de memórias e a atribuição de significado às experiências vividas. Assim, o ritual maçônico revela-se um ambiente altamente eficaz de aprendizagem simbólica e moral. Conclui-se que a Harmonia atua como uma verdadeira tecnologia de aperfeiçoamento humano, integrando emoção, razão e espiritualidade, e consolidando o papel da Maçonaria como escola iniciática voltada à formação de indivíduos conscientes e à transformação da sociedade.

Palavras-chave: Harmonia; Ritual; Neurociência.

Abstract:

This study proposes an integrated analysis of Harmony from three complementary perspectives—symbolic, ritualistic, and neuroscientific—highlighting its role as an organizing element of the environment, consciousness, and learning processes. From an initiatic tradition standpoint, it is demonstrated that spatial arrangement, light, silence, and music function as pedagogical instruments capable of shaping the individual's inner experience, in accordance with classical philosophical principles that associate external order with the construction of internal order. In this context, Harmony directly contributes to the formation of the egrégora, understood as the collective field resulting from the interaction of the participants' mental and emotional states. From a neuroscientific perspective, it is shown that ritual elements engage fundamental learning processes such as attention, emotion, repetition, and embodied participation, enhancing memory consolidation and the attribution of meaning to lived experiences. Thus, the Masonic ritual reveals itself as a highly effective environment for symbolic and moral learning. It is concluded that Harmony operates as a true technology of human refinement, integrating emotion, reason, and spirituality, and reinforcing the role of Freemasonry as an initiatic school dedicated to the formation of conscious individuals and the transformation of society.

Keywords: Harmony; Ritual; Neuroscience.

¹ Bacharel em Administração de Empresas com especialização em gestão empresarial, MBA Gestão de finanças controladoria e auditoria na FGV e Gestão de Segurança empresarial pela Escola Brasileira de Ciências Policiais. Empresário do setor de serviços, CEO do Grupo Segura. E-mail: avelino@grupossegura.com.br

Introdução

A Maçonaria, enquanto escola iniciática, vale-se de símbolos, alegorias, rituais e experiências sensoriais como instrumentos de formação humana, moral e espiritual. Nesse contexto, a Harmonia não deve ser compreendida apenas como elemento acessório ou estritamente musical, mas como princípio estruturante da experiência ritualística, capaz de ordenar o ambiente, favorecer a concentração e conferir unidade ao trabalho maçônico. Pode-se estabelecer, nesse sentido, uma analogia entre o ritual e a música: uma composição cuja letra exista sem melodia conserva seu conteúdo, mas perde parte significativa de sua força expressiva e de sua capacidade de sensibilização. De modo semelhante, o ritual desprovido de Harmonia pode subsistir formalmente, porém carece de plenitude simbólica e de profundidade vivencial. Assim como a melodia amplia, intensifica e dá vida ao sentido da palavra, a Harmonia potencializa o ritual, reveste-o de densidade experiencial e favorece sua assimilação interior.

Sob essa perspectiva, a Harmonia atua como elemento mediador entre forma e conteúdo, entre exterioridade ritual e interiorização simbólica. Sua presença contribui para criar um campo propício ao recolhimento, à elevação do pensamento, à receptividade emocional e à participação consciente dos obreiros. Sua ausência, por outro lado, pode comprometer a ambiência iniciática, enfraquecer a força pedagógica do ritual e reduzir a capacidade de o maçom apreender, em profundidade, os ensinamentos que lhe são transmitidos.

Dessa maneira, a Harmonia revela-se não apenas como recurso estético, mas como verdadeira tecnologia iniciática de formação, na medida em que favorece a aprendizagem, a memória simbólica, a interiorização dos valores e a transformação moral do indivíduo. Compreendê-la sob essa ótica é reconhecer que, nas sessões maçônicas, ela não ornamenta o ritual: ela o completa, o eleva e o torna mais eficaz em sua finalidade de aperfeiçoamento humano.

Harmonia e egrégora

A egrégora representa o ambiente coletivo formado pela interação das consciências individuais. Embora seja objeto de diferentes interpretações entre autores maçônicos, neste estudo adota-se uma abordagem que a compreende como um fenômeno relacional, no qual os estados psíquicos e emocionais dos indivíduos influenciam diretamente o ambiente coletivo.

Desde as civilizações antigas, a organização do espaço sagrado reflete a busca pela ordem universal. Hermes Trismegisto, Pitágoras e Platão sustentavam que a ordem externa influencia e modela a ordem

interna, estabelecendo uma relação simbólica entre o ambiente e a consciência.

A compreensão da harmonia nas sessões maçônicas não pode ser dissociada daquilo que, tradicionalmente, se denomina egrégora. Embora o termo possua origens antigas e, por vezes, seja associado a interpretações místicas, sua leitura contemporânea permite uma abordagem mais precisa, compatível com os fundamentos da neurociência e da dinâmica das relações humanas.

Nesse sentido, a egrégora pode ser entendida como o resultado emergente da convergência de pensamentos, emoções e intenções de um coletivo reunido sob um mesmo propósito. Não se trata de uma entidade externa, mas de um fenômeno construído pela interação consciente e inconsciente dos participantes. Cada indivíduo contribui, portanto, para a qualidade do ambiente simbólico estabelecido durante a sessão.

Quando fortalecida, a egrégora intensifica a experiência ritualística, ampliando a capacidade de transformação individual e coletiva. Tal compreensão encontra respaldo nos estudos de António Damásio, que demonstram a indissociabilidade entre emoção e razão na construção da experiência humana, bem como nas pesquisas em neurociência social de Matthew D. Lieberman, que evidenciam que o cérebro humano opera de forma intrinsecamente orientada à interação social, sendo continuamente influenciado pelos estados mentais dos outros. Dessa forma, os estados cognitivos e emocionais dos indivíduos não apenas coexistem, mas se modulam mutuamente no contexto grupal, contribuindo para a formação de um ambiente coletivo integrado, no qual percepção, comportamento e significado são continuamente construídos e compartilhados (Lieberman, 2013).

Conclui-se, portanto, que a egrégora representa uma síntese entre tradição simbólica e fenômenos observáveis da interação humana, expressando a qualidade da presença dos obreiros e a capacidade do grupo de se constituir como uma unidade consciente, orientada pelo aperfeiçoamento moral e intelectual. A qualidade da egrégora depende diretamente do nível de harmonia alcançado, atuando simultaneamente nos planos cognitivo, emocional e simbólico.

Neurociência aplicada a Harmonia

A Neurociência contemporânea compreende a aprendizagem como um processo dinâmico de modificação estrutural e funcional do sistema nervoso, sustentado pela neuroplasticidade e pela interação entre múltiplos sistemas neurais. Nesse contexto, variáveis como atenção, emoção, repetição, interação social e participação corporal configuram-se como

elementos determinantes para a qualidade dos processos de aquisição, consolidação e recuperação da informação.

Segundo Amaral e Guerra (2020), a aprendizagem implica a reorganização de circuitos neurais a partir das experiências vividas, sendo fortemente influenciada pela integração entre cognição, emoção, motivação e contexto social. Nessa perspectiva, o cérebro não apenas processa informações, mas constrói significados a partir da relevância emocional e da qualidade dos estímulos recebidos.

Sob esse enfoque, o ritual maçônico pode ser compreendido como um ambiente estruturado de aprendizagem experiencial, no qual múltiplos estímulos sensoriais, simbólicos e sociais são organizados de forma intencional. A emoção assume papel central ao atribuir valor às experiências, favorecendo a consolidação de memórias de longa duração, enquanto a atenção atua como mecanismo seletivo que regula o acesso às informações relevantes.

Adicionalmente, a aprendizagem apresenta natureza intrinsecamente social. A interação entre indivíduos, mediada por práticas simbólicas compartilhadas, contribui para a construção coletiva de significados e para o fortalecimento dos processos de internalização. Nesse sentido, o ambiente ritualístico, ao promover coesão, pertencimento e engajamento, potencializa a eficácia dos processos cognitivos e emocionais envolvidos.

Nesse contexto, a música destaca-se como um recurso particularmente relevante, por sua capacidade de integrar diferentes sistemas neurais de forma simultânea. Ao articular emoção, ritmo, atenção e repetição, a música favorece a organização temporal da experiência, contribui para a estabilização de padrões neurais e amplia a retenção de informações.

Além disso, sua capacidade de sincronizar indivíduos em experiências coletivas contribui para o fortalecimento de vínculos sociais e para a emergência de estados compartilhados de atenção e significado. Tal característica revela sua importância não apenas como elemento estético, mas como componente funcional na estruturação da experiência ritual.

Conforme destacam Amaral e Guerra (2020), “a emoção sinaliza o valor da experiência, promove constituição de sentido e gera motivação para a aprendizagem”, evidenciando a indissociabilidade entre processos emocionais e cognitivos.

Dessa forma, a Harmonia pode ser compreendida como um elemento estruturante que atua em múltiplos níveis: no plano cognitivo, ao favorecer a aprendizagem; no plano emocional, ao fortalecer vínculos e engajamento; e no plano simbólico, ao promover interiorização e organização da

experiência. Essa integração permite interpretá-la como um dispositivo complexo de mediação entre indivíduo, coletivo e processo formativo no contexto ritualístico.

Arquitetura e iluminação

A arquitetura maçônica e a iluminação do Templo não constituem meros elementos decorativos, mas componentes essenciais de uma pedagogia simbólica que atua diretamente sobre os processos neurocognitivos da aprendizagem.

A organização espacial, a simetria, as proporções e a disposição dos elementos ritualísticos estruturam um ambiente que favorece a orientação da atenção, reduz a dispersão cognitiva e induz estados mentais propícios à concentração e à introspecção.

Sob a perspectiva da Neurociência, ambientes organizados, coerentes e previsíveis contribuem para a redução da carga cognitiva, permitindo que o cérebro direcione seus recursos para a interpretação simbólica e a construção de significado.

A iluminação, por sua vez, exerce papel determinante ao modular estados emocionais e perceptivos, conduzindo o indivíduo da exterioridade à interioridade. Conforme argumenta António Damásio, “a emoção não é um luxo, mas um componente essencial da maquinaria da razão”, evidenciando que os estados emocionais não apenas acompanham, mas estruturam os processos cognitivos. Nesse sentido, ao mobilizar emoções por meio da luz, do espaço e da estética, o ritual potencializa a ativação de circuitos neurais relacionados à memória, à consciência reflexiva e à construção de significado.

Nesse sentido, observa-se que a tradição maçônica, ainda que enraizada em símbolos milenares, dialoga continuamente com abordagens contemporâneas de aprimoramento da experiência ritualística. Um exemplo disso foi apresentado em junho de 2025, durante uma comunicação trimestral na *United Grand Lodge of England*, com o *Project Transform*, iniciativa desenvolvida pela *Buckinghamshire Provincial Grand Lodge*.

O projeto tem por objetivo a modernização dos sistemas de iluminação e sonorização dos Templos, não apenas sob uma perspectiva estética, mas como estratégia para intensificar a imersão, a atenção e o impacto emocional das cerimônias. Tal iniciativa evidencia, de forma prática, que a qualidade dos estímulos sensoriais — especialmente luz e som — exerce influência direta na experiência ritualística, corroborando os princípios neurocientíficos segundo os quais o ambiente atua como modulador dos processos cognitivos e emocionais envolvidos na aprendizagem.

Assim, a modernização dos elementos sensoriais não representa ruptura com a tradição, mas o seu aprofundamento, ao potencializar, por meios contemporâneos, os efeitos formativos já presentes no simbolismo maçônico.

O mestre de harmonia

O Mestre de Harmonia é responsável pela condução estética e sensorial da sessão, atuando como um verdadeiro arquiteto da experiência ritualística. Sua função exige planejamento rigoroso, sensibilidade artística e profunda compreensão do simbolismo maçônico, pois ele opera na interface entre o ambiente físico do Templo e a experiência interior dos participantes.

O êxito no desempenho desse ofício está diretamente relacionado à capacidade de planejamento das sessões, à valorização consciente dos elementos sonoros e à sua integração com os processos de formação maçônica. Nesse sentido, sua atuação não é meramente acessória, mas estruturante da vivência ritualística, contribuindo para a construção da Harmonia enquanto campo coletivo de concentração, emoção e significado — conforme já discutido na perspectiva da egrégora.

Para que essa Harmonia se manifeste de forma plena, é indispensável o alinhamento prévio entre o Mestre de Harmonia, o Mestre de Cerimônias, o Venerável Mestre e os demais oficiais envolvidos. Esse alinhamento deve estabelecer critérios claros de atuação conjunta, garantindo o respeito mútuo entre os tempos da palavra e os tempos da música. Assim, o Mestre de Harmonia deve respeitar a conclusão das falas das Luzes, dignidades e oficiais, enquanto estes, por sua vez, devem permitir o desenvolvimento integral das peças musicais.

Um Mestre de Harmonia devidamente preparado compreende que sua atuação deve estar subordinada ao tempo ritualístico — e não necessariamente ao tempo musical original da obra. Nesse contexto, o uso de tecnologias contemporâneas de edição sonora torna-se um recurso valioso, permitindo selecionar e adaptar trechos específicos das composições, de modo a atender às necessidades simbólicas e operacionais da sessão.

Adicionalmente, algumas Lojas optam pela execução musical ao vivo, por meio de órgãos ou instrumentos diversos, o que, embora demande maior complexidade organizacional, eleva significativamente a qualidade estética e a profundidade da experiência ritualística. Nesses casos, a música deixa de ser apenas um elemento de apoio e passa a assumir papel central na construção da atmosfera simbólica, intensificando a imersão dos participantes.

Músicas para a Harmonia

A escolha das músicas a serem executadas em uma cerimônia é sempre tarefa delicada, pois a trilha sonora do trabalho ritualístico não constitui mero adorno, mas elemento capaz de intensificar a concentração, a emoção e a interiorização. Nesse processo, uma importante fonte de orientação é o legado de compositores que tiveram vínculo com a Maçonaria ou cuja produção musical revela afinidades simbólicas com o universo iniciático.

Como já se sustentou neste artigo, assim como a letra necessita da melodia para alcançar sua plena força expressiva, também o ritual encontra na Harmonia um meio de ampliar sua profundidade e sua capacidade de sensibilização. Nessa perspectiva, a obra Coluna de Harmonia, de Zaly Barros de Araujo, publicada pela Editora A Trolha em 2010, constitui referência valiosa e leitura recomendável a todo Mestre que deseje aprofundar-se no estudo da música aplicada às sessões.

Entre os compositores historicamente associados à Ordem, destacam-se Wolfgang Amadeus Mozart, cuja relação com a Maçonaria é amplamente documentada, Jean Sibelius e John Philip Sousa. Em alguns casos, como o de Joseph Haydn, há registro de iniciação, embora sua participação não tenha sido tão intensa quanto a de Mozart. Também aparecem em estudos maçônicos nomes como François-Adrien Boieldieu e Luigi Cherubini. Já em relação a Franz Liszt, Carlos Gomes, Antonio Salieri e Ludwig van Beethoven, convém adotar maior cautela historiográfica, tratando-os mais propriamente como autores frequentemente aproximados do imaginário maçônico ou ligados a ambientes de forte influência da Ordem, sem afirmar, de forma categórica, sua efetiva condição de maçons em todos os casos.

Sejam maçons ou não, é inegável que a música clássica oferece vastíssimo repertório utilizável nas sessões, sobretudo quando se estuda com cuidado o momento ritualístico e sua correspondência afetiva, simbólica e dramática com a obra escolhida. Além dela, a música de cinema também se apresenta como fonte contemporânea de grande valor. Trilhas compostas por autores consagrados, como John Williams — por exemplo, o tema de *Schindler's List* — e Hans Zimmer, com obras como *Now We Are Free*, do filme *Gladiator*, já inspiram, em diferentes contextos, seleções destinadas a reforçar a ambiência solene e reflexiva das cerimônias. Aqui, mais do que a origem da peça, importa sua adequação ao clima ritual, à elevação moral do momento e à intenção pedagógica da sessão.

Embora não exista um manual universal de música para sessões maçônicas, há usos e costumes que merecem observância. A música deve envolver, preparar e sustentar o ambiente, e não disputar

protagonismo com a ritualística nem provocar dispersão. Por essa razão, as peças instrumentais tendem a ser mais apropriadas. Quando houver letra, esta não deve interferir na atenção dos presentes nem introduzir conteúdo incompatível com a solenidade do trabalho.

Há, inclusive, composições amplamente conhecidas do grande público que, em versões instrumentais, alcançam excelente aceitação e contribuem para o ajuste da sintonia emocional dos Irmãos. Em contrapartida, músicas vinculadas a mensagens, ambientes ou valores conflitantes com os princípios da Ordem — ainda que executadas sem letra — devem ser evitadas, pois a Harmonia ritualística exige coerência entre forma, conteúdo e finalidade.

Pesquisa e planejamento

Um bom Mestre de Harmonia deve ser profundo conhecedor do ritual maçônico, sendo capaz de traduzi-lo em termos temporais — minutos e segundos — compreendendo com precisão o que ocorre em cada momento da sessão. Essa capacidade permite antecipar eventos ritualísticos e atuar de forma sincronizada com o desenvolvimento do trabalho. Ao identificar momentos de maior tensão, introspecção ou elevação simbólica, cabe-lhe recorrer a um repertório musical amplo e criteriosamente selecionado, escolhendo a melodia mais adequada para ilustrar, sustentar e potencializar a experiência ritualística. Frequentemente, será necessária a edição da obra musical, utilizando apenas os trechos que melhor se ajustam ao tempo e à intenção do momento ritualístico.

A escolha musical não é aleatória: deve considerar o tema da sessão, datas comemorativas, a presença de visitantes ou autoridades de outros Orientes, bem como o tipo de cerimônia realizada. Todos esses elementos exigem pesquisa prévia e sensibilidade estética, de modo a garantir coerência entre música, simbolismo e solenidade. Nesse contexto, as tecnologias contemporâneas tornam-se importantes aliadas. Aplicativos de streaming, edição de áudio e plataformas digitais permitem não apenas a pesquisa ágil de repertório, mas também a organização estruturada da sequência musical da sessão, contribuindo para maior precisão e qualidade na execução. Como prática recomendada, sugere-se a elaboração de uma planilha técnica contendo informações como: nome da música, compositor, intérprete, data de lançamento, duração original e duração editada, além de breves notas sobre seu contexto histórico e significado simbólico. Esse material pode ser compartilhado com os Irmãos, enriquecendo a experiência ritualística ao atribuir sentido e intencionalidade ao conjunto musical apresentado.

Com o objetivo de facilitar a vida dos mestres de Harmonia disponibilizamos abaixo após a conclusão do trabalho uma playlist específica para a sessão de iniciação do rito escocês antigo e aceito, mas que pode ser adaptada para qualquer ritual, organizada de acordo com os diferentes momentos ritualísticos, acompanhado de uma tabela explicativa.

Conclusão

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permite afirmar que a Harmonia, nas sessões maçônicas, ultrapassa amplamente a condição de recurso estético ou de mero acompanhamento musical. Ela se revela como elemento estruturante da experiência ritualística, atuando de modo integrado sobre as dimensões simbólica, emocional, cognitiva e espiritual da formação maçônica. Sua função não se limita a embelezar o ritual, mas consiste em ordenar o ambiente, favorecer a interiorização, intensificar a experiência vivencial e ampliar a eficácia pedagógica do trabalho em Loja.

Sob a perspectiva ritualística, demonstrou-se que a Harmonia contribui para conferir unidade, ritmo, solenidade e profundidade à sessão, funcionando como mediação entre a forma exterior do ritual e sua assimilação interior pelo maçom. Nesse sentido, o ritual não é apenas executado: ele é vivido. A presença da música, da luz, da arquitetura, do silêncio e da adequada organização sensorial do Templo cria condições objetivas e subjetivas para que o iniciado não apenas compreenda racionalmente os símbolos, mas os experimente de maneira mais intensa, significativa e transformadora.

No plano simbólico, verificou-se que a Harmonia está intimamente relacionada à formação da egrégora, entendida aqui como fenômeno emergente da convergência de intenções, emoções e estados mentais dos obreiros reunidos sob um mesmo propósito. A qualidade dessa ambiência coletiva não decorre de abstrações desvinculadas da realidade humana, mas da interação concreta entre indivíduos, da disposição interior de cada participante e da capacidade do grupo de constituir-se como unidade consciente. Assim, a Harmonia revela-se como princípio de coesão, integração e elevação, tornando possível a construção de um campo ritual propício ao aperfeiçoamento moral e intelectual.

Sob a ótica da Neurociência, constatou-se que os elementos tradicionalmente mobilizados pela prática maçônica dialogam de forma notável com princípios contemporâneos da aprendizagem. Emoção, atenção, repetição, participação corporal, vínculo social e qualidade ambiental são fatores reconhecidamente decisivos para a consolidação de memórias, para a atribuição de significado e para a transformação do

comportamento. Nesse contexto, a Harmonia pode ser compreendida como uma tecnologia de aprendizagem altamente sofisticada, ainda que tradicionalmente construída por via simbólica e ritualística. A Maçonaria, por meio de seus métodos, organiza experiências que ativam múltiplos sistemas neurais e favorecem processos profundos de internalização, reflexão e mudança pessoal.

Também se evidenciou que fatores como a arquitetura e a iluminação do Templo não devem ser compreendidos como aspectos periféricos, mas como componentes ativos da pedagogia maçônica. A organização do espaço, a simetria, a estética, a disposição dos elementos e o uso intencional da luz influenciam diretamente a atenção, a percepção, a emoção e a disposição interior dos participantes. Do mesmo modo, a atuação do Mestre de Harmonia assume relevância singular, pois dele se exige não apenas sensibilidade artística, mas preparo técnico, conhecimento ritualístico, capacidade de planejamento e discernimento simbólico. Seu ofício, quando bem executado, contribui decisivamente para a construção de uma experiência ritual coerente, elevada e formativa.

A pesquisa e o planejamento musical, por sua vez, mostraram-se indispensáveis para a excelência desse trabalho. A seleção criteriosa das peças, sua adequação ao tempo ritualístico, ao tema da sessão e ao contexto simbólico, bem como, o uso consciente de recursos tecnológicos de edição e organização, revelam que a Harmonia exige método, repertório, intencionalidade e estudo contínuo. Não se trata de improviso nem de preferência pessoal, mas de uma verdadeira arte aplicada ao aperfeiçoamento do ritual.

Conclui-se, portanto, que a Harmonia ocupa lugar central no processo iniciático maçônico, porque integra forma e conteúdo, sensibilidade e razão, indivíduo e coletividade, tradição e contemporaneidade. Sua presença qualifica a experiência ritualística, fortalece a egrégora, favorece a aprendizagem simbólica e amplia a capacidade transformadora da Maçonaria enquanto escola de formação humana. Reconhecer sua importância é compreender que o aperfeiçoamento do ritual não depende apenas da correção formal de sua execução, mas também da qualidade da ambiência que o envolve, da profundidade com que é vivido e da força interior que é capaz de despertar.

Em última instância, a Harmonia é o que permite ao ritual ultrapassar a exterioridade dos gestos e palavras, convertendo-se em experiência interior, memória duradoura e impulso de transformação moral. Por isso, pode-se afirmar que, nas sessões maçônicas, a Harmonia não é acessória: ela é condição de plenitude do trabalho ritual e instrumento essencial

na formação de obreiros mais conscientes, sensíveis e preparados para a construção de si mesmos e da sociedade.

Anexos:

Link Spotify playlist Iniciação Rito Escocês Antigo e Aceito:

<https://open.spotify.com/playlist/3stnu7ILINUcqHxJ3HgFdw?si=1feb92f76d5841ef&pt=d9680346451a8df34df0c664a63535c9>

Referências

AMARAL, Ana Luiza Neiva; GUERRA, Leonor Bezerra. *Neurociência e educação: olhando para o futuro da aprendizagem*. Brasília: Sesi/DN, 2020.

ARAÚJO, Zaly Barros de. *Coluna de harmonia*. 3. ed. Londrina: Ed. Maçônica A Trolha, 2010.

DAMÁSIO, António. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HERMES TRISMEGISTO. *Tábua de Esmeralda*. Tradução e adaptação de André Piattino. Montecristo Editora, 2024..

LIEBERMAN, Matthew D. *Social: Why Our Brains Are Wired to Connect*. New York: Crown, 2013.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Fábio Meneses Santos. Jandira, SP: Principis, 2021.

MÚSICA E MAÇONARIA

Luiz V. Cichoski ¹

Resumo:

A presença da música na vida do homem é imemorial; Instrumentos musicais foram encontrados em pesquisas antropológicas. A música sempre esteve presente nas obras maçônicas, seja no canto simples dos irmãos ou na presença de instrumentos, e até mesmo em Mestres e fenômenos da música; Nas obras produzidas pelos irmãos maçônicos, sempre houve espaço para a música. Abaixo está um resumo dessa associação: Música e Maçonaria.

Palavras-chave: Música, Maçonaria, Obras Maçônicas, Mestres da Música.

Abstract:

The presence of music in human life is immemorial; musical instruments have been found in anthropological research. Music has always been present in Masonic works, whether in the simple singing of the brothers or the presence of instruments, and even Masters and phenomena of music; in the works produced by Masonic brothers, there has always been room for music. The following is a synthesis of this partnership: Music and Freemasonry.

Keywords: Music, Freemasonry, Masonic Works, Masters of Music.

¹ É médico clínico geral e especialista em Medicina do Trabalho, formado em 1981; Mestre Instalado da ARBLS Templários da Liberdade nº 69, Pinhalzinho/SC (GOSC), e da ARLS Livres Telúricos nº 121, Maravilha/SC (GOSC). E-mail: lvcichoski@gmail.com

Introdução

Os sons sempre estiveram ao nosso redor, e não demorou para conseguirmos organizá-los, resultando em música, que tem sido uma companheira importante ao longo dos séculos.

Pistas e instrumentos em escavações paleoantropológicas, em gravuras hieroglíficas, em descrições de livros bíblicos, em desenhos de vasos gregos, em esculturas greco-romanas e em igrejas góticas apontam para a presença da música em diferentes eras e períodos históricos, desde a pré-história até os dias atuais.

A história da música difere em sua organização e descrição da História Geral. Aprendemos que esta última foi estruturada em: a) pré-história, b) história antiga, c) história da Idade Média, d) história da Idade Moderna e e) história da Idade Contemporânea. Quanto à música, a pré-história se estende até o ano 476; a música antiga está absorvida na história da Idade Média; a música do Renascimento e do Barroco preencheu a Idade Moderna; enquanto a Era Contemporânea abriga músicas clássica, romântica, nacionalista, modernista e contemporânea.

Na Idade Média, a grande aventura da música foi encontrar um lugar acolhedor no coração da Igreja Católica Romana com o canto-choro e seu desenvolvimento no canto gregoriano. A evolução com a sobreposição de linhas musicais assemelhou-se aos cartunários de Rafael (1483/1520), que, devidamente ajustados, deram vida às tapeçarias incomparáveis que ainda cobrem as paredes da Capela Sistina hoje, assim como as linhas musicais organizam e tecem obras magníficas e emocionantes.

A leitura cantada de passagens bíblicas tornava a cerimônia religiosa mais atraente, mesmo quando a mensagem estava vestida, além das notas musicais, em latim que poucos fiéis conseguiam entender.

A evolução da música passou por cuidado na composição, já que essa vibração dispersa no ar é sustentada por alguns elementos capitais como ritmo, melodia, harmonia, timbre, dinâmica, textura e forma; e complementarmente pelo ouvinte, que é responsável pela percepção e compreensão da dinâmica musical, bem como por seu efeito interno — afetivo-emocional —, favorecendo ou não a adesão e a sensação de agradabilidade da experiência.

A música evoluiu e, com ela, os instrumentos musicais; Entre os mais antigos podemos mencionar os

pequenos tambores e pandeiros que marcavam o ritmo do sofisticado piano do século XVIII:

- Percussão: adufe¹, pandeiro, tambor, pandeiro;
- Sopro: foles, gaitas de foles, flauta, flauta dupla, trompetes;
- Cordas: lira, saltérios, harpas, alaúde², rabel³, violões, alaúde, teorb⁴;
- Teclados: órgão, cravo, cravo, pianola (automática).

"Música" faz parte da natureza terrena que foi herdada e evoluída pela natureza humana e pela senciência.

Música ocidental

Como vimos, a presença da música é concreta desde antes do surgimento e desenvolvimento da Maçonaria.

Ele marcou sua presença em eventos sociais (trovadores) e eventos formais da vida e atividades dos homens, seja na pré-história, nas diferentes Eras da História até os dias atuais; Há muitas alegorias presentes em esculturas, gravuras, menções que nos permitem ter um encontro registrado com a música.

A Enciclopédia do Trabalho divide o estudo da música, economicamente, em duas fases: a) antiguidade e, b) do canto gregoriano para a música contemporânea. A visão dualista da música também é mencionada: *"Junto com músicas de inspiração e sotaque religiosos, sempre houve música de natureza profana entre os diferentes povos cristãos da Idade Média. Há razões para supor que a música secular foi tão desenvolvida quanto a música religiosa."* (Enciclopédia do Trabalho, 1958).

A formalidade religiosa da música no Ocidente é representada pelo canto gregoriano, a organização inicial do Papa Gregório I (590/604) — daí o nome 'gregoriano' — que encontrou aceitação na decoração das práticas religiosas católicas, especialmente a Missa em seus diferentes momentos: o *Kyrie eleison*⁵, *Sanctus Agnus, Dei e Ite*, cuja padronização foi obra de Guillaume de Machaut (1300/1377), presente nos escritórios medievais de Notre Dame de Paris, construídos entre 1163/1345; É verdade que a música religiosa — gregoriana — ressoava pelas naves, ábsides e respectivas cúpulas das impressionantes e cativantes igrejas góticas, para alegria e êxtase dos fiéis, entre eles, os operários da primeira Maçonaria.

Música na Maçonaria

A música ocupa um espaço de grande importância na natureza e na vida humana. Não poderia ser

¹ *Adulfe* é um instrumento de percussão, semelhante a um pandeiro, tocado principalmente por mulheres na tradição judaica.

² Um instrumento de cordas, semelhante a uma guitarra, mas com corpo em cúpula e braço curvo.

³ Instrumento de cordas com arco, como o violino.

⁴ *Teorba* é uma variante italiana do alaúde, sendo este último um violão em cúpula com braço curvo.

⁵ *Kyrie*, Senhor, tenha misericórdia de nós; Cristo, tenha misericórdia de nós.

diferente com o homem pedreiro, que também é suscetível ao efeito vibracional das sete notas em suas combinações infinitas na intimidade de sua rede de memórias e sentimentos. Somos diferentes, com histórias diferentes, preferências diferentes, portanto, reagimos de forma diferente ao ambiente com seu envelope harmônico em momentos diferentes, entre os quais as sessões maçônicas.

A música faz parte das obras maçônicas, muito antes dessas obras alcançarem o brilhantismo ritualístico e simbólico complexo que praticamos. A música ouvida nas primeiras reuniões era composta por uma conformação diferente da que estamos acostumados, já que a música evoluiu e mudou conforme os maçons evoluíram e mudaram.

a) Período Barroco (1600/1750)

As obras maçônicas eram caracterizadas por um ritual que apresenta uma admirável jornada simbólica e histórica. Quase no final do período gótico, encontramos as Cargas Antigas (Cichoski, 2020) que se multiplicaram a partir do "Poema Régio/1390" — uma poesia não musicada — que recebeu melhorias, principalmente, na esplêndida produção do século XVII, que nos deu uma novidade estrutural — *a Casa do Registro de Edimburgo/1696* —, o primeiro catecismo maçônico.

Classicamente, o período fundador da Grande Loja de Londres e Westminster foi marcado pelas notas do Barroco musical, que permaneceu principalmente religioso (Halelujah/Handel; Jesus Joy of Men/Bach) com algumas raras caminhadas ao ar livre (Water Music/Handel)⁶; Quatro Estações (Vivaldi) e cujos Mestres compositores e Mestres são conhecidos por todos; no entanto, nascidos no século XVII, eles não chegaram a conhecer a transformação que estava ocorrendo em Londres — Jean Baptiste Lully (1632/1687, italiano), talvez um dos primeiros mestres; Johann Pachelbel (1653/1706, alemão); Arcangelo Corelli (1653/1713, italiano). Entre os Mestres que passaram por 1717/1723, há pouca informação confirmada sobre qualquer envolvimento maçônico — Georg Frideric Händel (1685/1749, alemão naturalizado inglês); Antonio Vivaldi (1678/1741, italiano) — mais violino e menos violas; Georg Philipp Telemann (1681/1767, alemão); Johann Sebastian Bach (1685/1750, alemão). A presença alemã e italiana é predominante; como curiosidade, Georg Friedrich Handel recebeu a cidadania inglesa em 1727, adaptando seu nome para George Frederic Handel.

Uma janela importante para destacar o surgimento do piano moderno ocorreu em 1709, graças à engenhosidade e ao esforço de Bartolomeo Cristofori (1655-1731); Até o início do século XVIII, os instrumentos de teclado eram: órgão, cravo e cravo. A música seria transformada, Chopin agradeceu muito mais do que à noite.

Um momento cantado e iluminado para a Maçonaria ocorreu em 24 de junho de 1717 — século XVIII — com a reunião das Quatro Lojas Antigas (Gould, 2018), complementada pela confirmação legal concretizada na concepção e publicação das Constituições de James Anderson/1723 (Anderson, 2001).

Na obra seminal de Anderson e outros, a música estreia nas letras e harmonias:

- a) Cântico do Mestre ou História da Maçonaria, escrito por J. Anderson;
- b) Cântico dos Vigilantes ou, outra História da Maçonaria, escrita por J. Anderson;
- c) Canção dos Companheiros, escrita pelo Irmão Charles Delafaya;
- d) Canção do Aprendiz, escrita pelo Irmão Matthew Birkhead.⁷

A Canção do Mestre — também chamada de História da Maçonaria — deveria ser "cantada com um Coral", parcial ou totalmente, conforme a permissão do Mestre. A composição é dividida em cinco partes e 28 estrofes, que contam a história da Instituição de Adão ao Duque de Montagu. A canção é um refrão de fraternização e celebração: brinde à Lodge of Mesa.

O Coro tem seu momento de brilhantismo ao final de cada uma das cinco partes, onde é fraternizado e oferecido sequencialmente - canção profana, popular: Quem pode conhecer a Arte Real?

Ou cantar seus Segredos em uma música?

Eles estão protegidos com segurança no coração dos maçons

Que à antiga Loja pertence...

Brindes e saudações ao Grão-Mestre — Parte 1

Brindes e saudações ao Mestre e aos Observadores — Parte 2

Brindes e Saudações à Memória de Imperadores, Reis, Príncipes, Nobreza, Clérigos e Estudiosos — Parte 3

Brindes e saudações à feliz memória daqueles que reviveram o estilo agostiniano — Parte 4

Brindes e saudações aos irmãos da Loja e ao Nobre Duque de Montagu — 5ª parte.

Quem pode conhecer a Arte Real?

Ou cantar seus Segredos em uma música?

⁶ Coincidentemente, em 1717, Jorge I, rei da Inglaterra, encomendou a Handel a composição de uma peça musical para um passeio de barco no Tâmesa.

⁷ Note que essas canções foram traduzidas para o francês por De La Tierce em sua *Histoire, obligations et status de la très-vénérable Confraternité des Francs-Maçons, tirés de leurs archives et conformes aux traditions les plus anciennes*.

Eles estão protegidos com segurança no coração dos maçons

Que pertencem à antiga Lodge.⁸

A música sabia como ocupar um espaço acolhedor no ambiente da Maçonaria e dos Maçons. Qual foi a amplitude musical durante o período operacional? Não temos uma resposta escrita, imaginamos o cantante gregoriano. Qual foi a experiência musical dos especulativos do século XIX? Neste caso, temos heranças escritas.

A música sempre esteve presente no ambiente maçônico, seja como uma alegoria religiosa mediando as orações, seja como decoração profana em pubs e/ou salões reais que adornavam a atmosfera e o trabalho maçônico; nesse período, a música surgiu da própria Maçonaria e, posteriormente, chegou a Mestres e Mestres que acabaram ilustrando a sessão, a Loja da Maçonaria.⁹



Os fundadores das Quatro Lojas Antigas perseveraram, não se intimidaram com La Mancha e suas ondas, superando dificuldades e credos, como Deaguliers testemunhou; a mensagem maçônica, oral e cantada, chegou à Normandia e foi apresentada na ainda pouco iluminada Paris, a bordo das "*Chansons de la Très-Vénérable Confrérie des Maçons-Libres/1735*", com as 4 canções de Anderson e no "*Chansons notées de la très-vénérable Confrérie des Francs-Maçons, précédées de quelques pièces de poésie convenables au sujet et d'une marche/1737*", com 34 canções.

Dos compositores dessa época, apenas Georg Philipp Telemann (Jorge/2024), (Maçons Célebres) é destacado como maçom. A obra de Telemann apresenta: Fantasia nº 3, Trio em lá menor, Sonata em dó maior e uma coletânea de 'Música de Mesa' (Tafelmusik, 1733) composta por diferentes variações

para serem ouvidas por pelo menos 4 horas. Como curiosidade, as primeiras manifestações maçônicas (Anderson, 1723; "*Chansons notées de la très-vénérable Confrérie des Francs-Maçons, 1737*"), cobrem o mesmo período!

Essa aproximação de diferentes visões nos permite vislumbrar o fenômeno da oralidade que reconhecemos no alvorecer do despertar do homem para o conhecimento e o sentimento; igualmente presente nos dias remotos do conhecimento bíblico que acabaram sendo registrados em nossas mãos. Também a existência da música barroca e da música folclórica ou secular que, mantida no anexo de Anderson, protegia os sons e mensagens próprios do número discreto de especulações iniciais em comparação com o número seletivo dos Mestres Barrocos; um completamente exposto (barroco e formal), o outro reservado e discreto (profano e festivo). Eram músicas diferentes.

Os maçons da primeira metade do século XVIII – ingleses ou franceses – além de sua própria música, eram ouvintes sensibilizados pelas fugas¹⁰ (J.S. Bach), sonatas¹¹, concertos¹² e óperas¹³, legados deixados pela música do período barroco musical (1600/1750).

Ao longo desses 150 anos, a Maçonaria foi consolidada em sua apresentação especulativa, dispersa pela Europa e Ilhas Britânicas (Carr, 1971); testemunhou uma produção prolífica de Rites and Powers, assim como o desenvolvimento de *Exposições*, iniciado pela Maçonaria Dissecada, (Prichard, 1738), e um número inigualável dessas obras em exibição através da Maçonaria Francesa.

A música barroca, por seu gênio, invadiu a Maçonaria e ainda permanece em nossas Lojas e obras.

b) Período Clássico (1750/1820)

O período clássico apresenta uma lista invejável de compositores que deixaram uma marca permanente na música, como Joseph Haydn, Amadeus Mozart, Ludwig van Beethoven, alguns sendo maçons. Orquestras mais estruturadas: cordas na base — violino, violoncelo —, pelo menos duas flautas, dois clarinetes, dois oboés, dois fagotes, dois trompas e dois trompetes, além de metais sem pistões.

⁸ Essa composição foi cantada em "*Lodges of Tables*"; considere como e onde essas sessões foram realizadas no início do século XVIII.

⁹ O principal guia de uma partitura musical é a clave, que adotou diferentes formatos dependendo do tempo e do lugar; Ao observar as peças maçônicas ilustrativas, percebem-se diferenças nessa notação, tornando necessário esclarecer os diferentes sinais.

¹⁰ *Fugas*: Uma composição altamente estruturada, cantada com vozes claramente marcadas, geralmente com uma ou duas partes.

¹¹ *Sonata*: Peça musical mais curta, com a participação de diferentes instrumentos (nesse período, violino, violoncelo, alaúdes, teorbais), que eles executam sozinhos.

¹² *Concertos*: Obras mais longas com a participação de diferentes solistas; o *concerto barroco grosso* mantém uma orquestra reduzida que equilibra a intervenção dos solistas.

¹³ *Ópera*: Uma peça em que os personagens cantam acompanhados por uma orquestra.

Maçonicamente, esse foi um período de divisão no âmbito da Instituição Inglesa entre 'modernos' e 'antigos', em 1751, e a reunião, sob a direção do Duque de Sussex, em 1813, com cerimônia formal em 1817.¹⁴

Também desse período é a exportação da Maçonaria Francesa para a América Central a bordo do navio e patente de Etienne Morin, em 1761, para a apresentação e sedimentação do Rito da Perfeição, através da Loja Perfecta Harmonia, em 1764, em Porto Príncipe. Essa foi a semente do Rito Escocês Antigo e Aceito, plantado na América Central e posteriormente em Charleston, Carolina do Sul, em 1801.

É possível e correto lembrar que, em 1776, no período da música clássica, a Maçonaria conquistou sua primeira residência oficial em Londres; Ele iniciou a transferência de pubs e átrios para um local mais adequado e adequado, onde a ritualística se unisse, sem medo, perpetuamente, com a música.

No Brasil, temos notícias de uma primeira Loja Maçônica, a União ou Reunião, fundada no Rio de Janeiro, em 1800/01 (Prober/1975), assim como do primeiro Poder Maçônico, o Grande Oriente Brasílico ou Brasileiro, em 1822 (Castellani/1993).

A nova apresentação musical trouxe os valores e a sonoridade do Renascimento musical, facilitando o desejo de um novo público – a classe média urbana – por meio de um estilo mais livre e acessível em comparação com os laços e extravagâncias do Barroco.

Entre os iniciadores da nova moda estão dois filhos de Johann Sebastian Bach, Carl Philipp Bach e Johann Christian Bach (1735/1782) – este último maçom (Maçons Ilustres/2023) e, embora tenha produzido um extenso corpo de obras (Lista de composições de Ludwig van Beethoven/2024), não há referência a obras maçônicas. Em vida, Johann Christian Bach teria tido contato com a criança Mozart e os dois tocavam juntos (Johann Christian Bach). Wikipedia /2024).

Joseph Haydn (1732/1809), (Música e Música), (George, 2024), (Máximo/1999), (Mellor/1989), iniciado em 02/11/1785, na Loja La Verdadera Concordia, (Mellor/1989), teria sido convidado por Mozart, já que ambos tinham admiração mútua, para ingressar na Maçonaria. Em sua obra não há uma peça especificamente maçônica; alguns historiadores e críticos apontam para A Criação como uma obra de características maçônicas.

Johannes Chrysostomus Wolfgangus Theophilus Mozart (1756/1791), (maçonismo-maçonaria, 2024), (Loja Barão de Mauá, 2024), (Máximo, 1999), (Mellor, 1989), (Teixeira, 1991), (Peters, 1996), constitui, sem dúvida, um dos pilares fundamentais e elevados do

período clássico da música erudita. Apesar de uma vida curta — 35 anos —, foi autor de pelo menos 626 composições diferentes, a primeira aos 5 anos de idade. Sua biografia se articula entre o gênio que o dom musical lhe concedeu 'congenito' e uma vida dissonante diante das exigências da sociedade de sua época.

Maçonicamente, foi iniciado na Loja de Beneficência (Zur Wohltätigkeit) em 14 de dezembro de 1784; elevado em 7 de janeiro de 1785 e exaltado em 13 de janeiro de 1785¹⁵; Portanto, passaram 29 dias entre sua iniciação e exaltação e 6 dias entre sua elevação e exaltação. Podemos dizer que, entre os músicos clássicos, ele foi o mais exposto ou revelado como maçom, além de sua vida ser expansiva e social, tanto em Salzburgo quanto em Viena.

Em Mozart encontramos referências a obras, especificamente maçônicas. É notável, no entanto, que *A Flauta Mágica* – uma delas – foi concluída em 10 de novembro de 1785, e as peças *Die Mauerfreud* foram regidas por ele em 10 de setembro de 1791, e a cantata *Kleine Freimaurerkantate*, em 17 de novembro de 1791, ou seja, próximo à sua morte em 5 de dezembro de 1791, que ocorreu enquanto ele compunha o *Réquiem*. Tudo em Mozart foi acelerado. Outras composições maçônicas de Mozart:

1. *O Banda Hereditária* (O Laço Sagrado)
2. *Gesellenreise* (Jornada do Companheiro) – 1785; possivelmente para a elevação do pai;
3. *Maurerische Trauermusik* (Música Fúnebre Maçônica); homenagem a dois irmãos falecidos, Georg August von Mecklenburg e Franz Esterházy;
4. *Lied mit dreistimmigem Chor und Orgelbegleitung* (Canção para coro a três vozes com acompanhamento de órgão) – 1785; abertura da obra na cerimônia de união das Lojas de Viena, em 1785, por édito de José II;
5. *Dreistimmiger Chorgesang mit Orgelbegleitung* (Coro a três vozes com Órgão Acompanhado) – 1785.

Quanto à Flauta Mágica, o conteúdo maçônico deve-se aos autores do texto cantado na ópera (libreto), ou seja, Karl Ludwig Giesecke (Maçom da Loja de Mozart) e Emanuel Johann Schikaneder (provavelmente maçom), que trabalharam elementos de uma iniciação. A peça (Sales/2017) é composta por dois atos, o primeiro contém 19 cenas, enquanto o segundo é composto por 29 cenas mais a cena final. Os elementos mais caracteristicamente maçônicos estão

¹⁴ A cerimônia dessa reunião, realizada em 1817, tem uma descrição interessante e curiosa em R. Sandbach, *Inside the Royal Arch*, Madras, 2005.

¹⁵ Concluímos que Mozart era um Mestre Maçom quando convidou e ajudou a iniciar Haydn em 1785.

no segundo ato, onde é possível reconhecer evidências de silêncio, água e fogo.

O teste do silêncio exige que o herói Tamino veja, mas não fale com a amada Pamina (ato 2, cena 3); No Ato 2, cena 28, o libreto narra a presença de duas montanhas, uma com fogo e outra com água. A letra da cantata diz: "Ó peregrino, descarregue seu fardo, superando fogo, água, ar e terra. Quem quer que o medo da morte tenha vencido com vigor, da terra ascenderá ao céu. No fim, ele será iluminado, e nos mistérios de Ísis servirá." Tamino, o herói, usa uma flauta para sua defesa — a Flauta Mágica — que, por um lado, nos encaminha ao mundo musical e, por outro, nos permite intuir uma simbologia imensa sobre algo, aparentemente, inofensivo com tanta força e poder, como a de atrair pássaros, animais extremamente elusivos, associados à Liberdade tão cara no campo maçônico; ainda mais, permitir que o herói supere as provas e conquistasse seu objetivo final, na ópera o afeto de Pamina, na Maçonaria as virtudes lembradas por Liberdade, Igualdade e Fraternidade, difíceis na época de Mozart e para Mozart; mas também Sabedoria, Força e Beleza.

Ludwig van Beethoven (1770/1827) (Maçons Ilustres, 2023), (freemasons-Fremasonry, 2024), (Loja São Paulo, 2024) — outro destaque fundamental e elevado da música erudita, sem sombra de dúvida — foi Beethoven, que admirava Mozart — que, aparentemente, ele não conhecia — mas estudou com Haydn — que sobreviveu a Mozart.

A situação maçônica de Beethoven é controversa, com fontes negando (Mellor, 1989) sua ligação com a Ordem e outras afirmando seu status de iniciado (Loja Barão de Mauá, 2024), (fremaçons-maçonaria, 2024)!

Ao longo de sua vida, 57 anos, Beethoven compôs 722 (Lista de composições de Ludwig van Beethoven, 2024), entre as quais apenas uma ópera — Fidelio —; entre suas primeiras composições, os três trios que compõem seu Opus 1, está uma obra para piano, violino e violoncelo composta por um Allegro, Adagio cantabile, Scherzo-Allegro e Final-Presto; ainda em sua produção inicial, Opus 18 — seis quartetos —; e a primeira sinfonia, Opus 21. Por outro lado, suas últimas obras foram sonatas dos Opus 106, 110 e 111; seus últimos quartetos foram os Opus 127, 130, 131, 133 e 135; e sua última sinfonia foi a Op. 125, a Nona Sinfonia! (Enciclopédia Labor, 1958).

Independentemente do número de composições que Ludwig nos deixou, o fato é que, do ponto de vista maçônico, há poucas Lojas que não harmonizaram as obras com a Nona Sinfonia. A emocionante Ode à Alegria, o epílogo desta sinfonia, marcou todos nós desde a primeira audição, que,

aparentemente, Beethoven não teve a chance de ouvir!

Este é um monumento musical misto, parte orquestral e uma cantata incomum no crescendo final; cuja poesia é atribuída a Friedrich Schiller (1759/1806) — de quem também não há referências maçônicas —, mas cujo texto teria sido encomendado para apresentação em uma Loja Maçônica! Poesia cantada é (Zandonadi, 2024):

I

Ah, amigos, vamos mudar de ideia! Vamos cantar algo mais agradável e alegre!

Alegria, bela centelha divina, Filha do Elísio, embriagados de fogo entramos em Teu santuário celestial. Sua magia reúne o que o rigor do costume separou. Todos os homens são gêmeos Onde seu doce voo pousa. Que conquistou o grande tesouro de ser amigo de um amigo, que conquistou uma mulher bondosa, Alegre-se conosco! Mesmo que só conquistou uma alma, uma única alma no mundo inteiro. Mas aquele que nunca teve sucesso, que chore sozinho em seu canto!

De alegria todos os seres bebem No seio da Natureza: Todos os bons, todos os ímpios, Sigam seu rastro de rosas.

II

Ela nos deu beijos e vinho E um amigo fiel até a morte; Deu força para viver aos mais humildes e para o querubim para se apresentar diante de Deus.

Alegres, enquanto seus sóis voam Sobre o esplêndido firmamento, Avancem, irmãos, em seu caminho, Alegres como o herói da vitória! Alegria, bela centelha divina, Filha do Elísio, embriagados de fogo entramos em seu santuário celestial.

*Dê um beijo ao mundo inteiro! Mundo, vocês sentem o Criador? * Milhões se curvam diante Ele! Vamos nos abraçar, milhões! Pois, irmãos, além do céu estrelado, um Pai amoroso deve habitar!*

A leitura desses versículos com um olhar maçônico revela a harmonia buscada no seio da Maçonaria — alegria fraternal —; Como é bom estarmos juntos como irmãos! Que haja um sentimento verdadeiro e estável entre todos, alcançando o objetivo de uma grande fraternidade — todos os homens fraternizados — onde sentimento e harmonia são confluentes e complementares, ou seja, ser "amigo de um amigo".

A segunda estrofe nos diz que esse laço fraternal é eterno — um amigo leal até a morte — pois iguala a todos, em uma caminhada guiada pelo Criador, já que todos os irmãos conhecem, vivem e buscam o Grande Arquiteto do Universo, ou, nas palavras de

Schiller, sabendo que "além do céu estrelado deve haver um Pai Amado".

A nona sinfonia nos remete às ilustrações em trípticos – como O Jardim das Delícias Terrenas, Hieronymus Bosch (1450/1516) – que, ao serem vistas no verso, apresentavam uma composição e no anverso alteravam a composição; Enquanto os três primeiros movimentos iniciais funcionam como um tríptico sonoro com um final vibrante, o surpreendente anverso! Tudo isso é ouvido alto e claro.

A amplitude da obra de Beethoven não se limitou às características do período clássico; ele despejou notas em páginas no estilo romântico com os Quartetos, por exemplo, o nº 14 e o sensível Para Elisa; mesmo porque nenhum compositor erudito renovava sua produção tão constantemente quanto o músico de Bonn.

c) Período Romântico (1810/1920) e

d) Período Nacionalista (1830/1920)

Com o Romantismo, começou uma superposição das escolas musicais com a chamada escola nacionalista, sobrepondo-se ao período nacionalista do Romantismo e da escola moderna.

A Sinfonia Eroica de Beethoven, em 1804, já era apontada como o início do estilo romântico; no mesmo ano—maçonicamente—da publicação do primeiro ritual francês do Antigo e Aceito Rito Escocês, com o retorno de Grace Tilly da América Central com os 33 graus da pirâmide escocesa.

O período romântico foi vivido tanto na música quanto na literatura, nas artes e também na filosofia. Se o classicismo privilegiava o conhecimento comprovado, o romantismo priorizou os aspectos do sentimento individual, o subjetivismo; ainda assim, composições complexas — sinfonias, óperas e concertos — continuaram a embelezar a vida social, enriquecidas pelos reflexos da Revolução Industrial.

Ao longo da primeira metade do século XIX na América do Sul, seguindo a América do Norte e outras regiões do globo como a Finlândia, a independência de inúmeros países foi consolidada, a maioria deles na forma de repúblicas. A música foi um instrumento para a consolidação das mudanças político-administrativas, priorizando os aspectos culturais e folclóricos dos diferentes povos e nações.

O Brasil foi o único a manter o sistema imperial; no segundo reinado (1840/1889), com D. Pedro II, a Maçonaria teve papel decisivo em questões como a abolição da escravidão e, no processo de Proclamação da República, até mesmo os Presidentes da República durante toda a Primeira República (1889/1930) foram

todos maçons, exceto Afonso Pena, eventos que ilustram eventos nacionalistas.

Conceitualmente, a música barroca experimentou certa distância do interior das igrejas, conquistando teatros e até parques e rios; A caminhada continuou com a conquista, ainda maior, do espaço para o músico, o solo, a virtuosidade. Ao longo do período romântico, houve uma oscilação com alguns instrumentistas brilhantes e únicos — Paganini, Liszt, Chopin — sem medo de exposição e em busca de maior liberdade criativa, enquanto outros — Berlioz, Mendelssohn — mantiveram maior contato com a herança barroca.

N. Paganini (1782/1840) nos legou algumas de suas extravagâncias nos 24 Caprichos para violino, além de algumas menções como irmão maçônico (Maçonaria Virtual, 2024), (Loja São Paulo, 2024). G. Rossini (1792/1868) embelezou e diversificou óperas com Guilherme Tell e As Bodas de Fígaro. F. Schubert¹⁶(1797/1828), grande compositor do 'Leider', peças destinadas a encontros domésticos. Hector Berlioz (1803/1869) com sua música associada a estímulos externos, além de nos deixar a Symphonie fantastique (1830) como um legado diferencial, especialmente o segundo movimento, uma obra que associava a música a diferentes complementos. Menções discretas à sua situação maçônica (Máximo, 1999). Felix Mendelssohn (1809/1847) foi reconhecido como um virtuoso em sua época, com composições como a Marcha Nupcial, Concerto para Violino e Sonho de uma Noite de Verão. Maçom (Freemanson.pt, 2024), mas sem composições específicas para a Instituição. Franz Liszt (1811/1886), representante significativo do período Romântico com a Sinfonia de Fausto (1854), Sinfonia de Dante (1856), Christus (1868); Masônicamente, foi iniciado em 18 de setembro de 1841 na Loja da Igualdade (Zür Einigkeit), persistindo por um curto período como maçom ativo devido às relações conflituosas da Maçonaria com a Igreja, que lhe causavam sentimentos desconfortáveis.

Entre os músicos do período romântico não podemos deixar de mencionar: Frédéric Chopin (1810/1849), Robert Schumann (1810/1856), Giuseppe Verdi (1813/1901), Richard Wagner (1813/1883), Johannes Brahms (1833/1897), Piotr Ilyich Tchaikovsky (1840/1893), Richard Georg Strauss (1864/1949), Gustav Mahler (1860/1911), embora sem vínculos maçônicos reconhecidos ou encontrados.

Focando nos compositores do chamado *período nacionalista* (1830/1920), cujo foco era a música de diferentes países e regiões, afastando-se da estrutura

¹⁶ As emoções devocionais ligadas às cantatas das *Ave Marias* devem muito ao trabalho de Schubert, Bach/Gounod e Caccini.

convencional dos períodos anteriores, podemos destacar entre os maçons convictos Antonio Carlos Gomes (1836/1896), iniciado em 24 de julho de 1855 na Loja Amistad de São Paulo. Jean Sibelius (1865-1957), (Trolha, 1998), que produziu *como Opus 113 a Música Ritual/Marcha Fúnebre Maçônica*, além da *Finlândia*, que se tornou o hino nacional da Finlândia. John Philip Sousa (1854-1932), (Freemason.pt de 2024) (Jorge Antônio, 2025), cuja iniciação ocorreu em 15 de julho de 1881 na Hiram Lodge nº 10, Washington. Ao contrário de Liszt, o Irmão Philip Sousa permaneceu ativo continuamente, especializando-se em marchas militares, entre as quais se destacam obras com elementos maçônicos: "*O Cruzado*" (1888), "*O Troonador*" (1889) e "*Nobres do Santuário Místico*" (1923).

e) Período Moderno (1900-1950)

As artes — no século XX — passaram por mudanças radicais, seja na arquitetura, escultura, pintura, literatura e também na música. Uma mudança em relação aos cânones anteriores era o mínimo, já que os mestres originais das artes e da música buscavam traços, cores e acordes diferentes dos habituais. A prioridade era recuperar a percepção e o sentimento de cada artista, às vezes ignorando o resultado presente na obra, pois o importante era que o resultado estivesse de acordo com a ideia, o tempo e o momento de cada compositor. Ocasionalmente, houve até uma aproximação entre as artes na criação do que ficou conhecido como "*arte total*" — *Gesamtkunstwerk* —, que prescrevia a associação "*na qual música, arquitetura, decoração, pintura e escultura se uniam para criar uma homenagem ao compositor alemão Ludwig van Beethoven... Na abertura, o compositor austríaco Gustav Mahler regeu seu próprio arranjo de temas da Nona Sinfonia de Beethoven.*" (Bugler, 2019).

Ilustrações dessa abordagem entre as diferentes artes podem ser encontradas em "*Os Três Músicos*" (1921) de Picasso e "*Movimento*" (1935) de Kandinsky.



Entre os modernistas, Claude Debussy (1862-1918), Heitor Villa-Lobos (1887-1959) com sua *14 Refrêses oBachianas*, Aaron Copland (1900-1990) com seu *Fanfarra para o Homem Comum*, Maurice Ravel (1875-1937) com sua *Bolero* e George Gershwin (1898-1937) com sua *Rapsódia em Azul*.

f) Período Contemporâneo (1950 até os dias atuais)

As artes — incluindo a música — avançaram em busca de novos espaços, cores, notas e sons; "*A Arte dos Barulhos*" (1913) (Russolo, 2024), a adoção do digital e a integração de elementos populares modificaram a configuração e a estrutura da música nos séculos XX e XXI (Collisson, 2019). Como observado pelo *Enciclopédia do Trabalho*: "*Sem dúvida, a música agora participa do clima de crise e controvérsia comum à arte contemporânea em suas diversas manifestações.*" (Enciclopédia Labor, 1958). Entre os compositores contemporâneos, lembramos John Cage (1912-1992), que compôs o icônico *4'33''*, um louvor ao silêncio; Aram Khachaturian (1903-1978) com a melodiosa *Spartacus*; e Terry Riley (1935) com *Em C*, uma música em construção instrumento por instrumento, onde os músicos determinam a duração de seu solo.

Durante essas fases da música clássica ou conceitual, foi possível destacar alguns Mestres que também foram maçons:

- Barroco: Telemann.
- Clássica: Haydn e Mozart.
- Romântico: Niccolò Paganini, Hector Berlioz, Mendelssohn e Liszt.
- Nacionalista: Antonio Carlos Gomes, Sibelius e John Philip Sousa.

Al Johnson (1886-1950), Irving Berlin (1888-1989), Duke Ellington (1899-1974), Pixinguinha (1897-1973), Jimmie Rodgers (1897-1942), Louis Armstrong (1901-1971), Roy Acuff (1903-1992), Conde Basie (1904-1984), Glenn Miller (1904-1944), Burl Ives (1909-1995), Luiz Gonzaga (1912-1989) (*Acácia amarela*), Bob Nelson (1918-2009), Nat King Cole (1919-1965), Luiz Vieira (1920-2020), Rick Wakeman (1949).

Acácia Amarela

Luiz Gonzaga
Orlando Silveira

♩ = 100
Introd.
Gm

5 A7 Dm A7 Dm

10 Dm A7 Dm A7 Dm

14 Bb A7 Gm A7

18 Gm A7 Gm A7 Dm

23 D D7 D D7

27 D D7 Gm

32 C7 F A7 Dm A7

36 Dm A7 Dm

ACÁCIA AMARELA

(Luiz Gonzaga e Orlando Silva)

Considerações finais

A música está presente na Natureza em sua totalidade; desde as vibrações mínimas do micromundo até as hecatombas sonoras. O homem ocupa um espaço na Natureza e é estimulado tanto por ela quanto pela música que a habita. O homem maçônico demarcou seu lugar na Natureza e também é estimulado pelo efeito da música em todos os momentos de sua vida, seja pessoal, social ou propriamente maçônico. Nosso cérebro é capaz de responder a estímulos musicais; Irmãos diferentes reagem a sons, acordes ou ritmos diferentes — nossas afinidades podem variar, mas todos somos sensíveis a isso. A música, mais do que um sentido, torna-se uma das dimensões do homem.

O ambiente musical pode ser cacofônico e dissonante, causando uma experiência desconfortável, mas, na maioria dos casos, a música é complementar, relaxante e revitalizante. O silêncio que se segue ao final de uma peça musical testemunha isso; por isso muitos acreditam que a música é a voz de Deus, o Grande Arquiteto do Universo.

Maçonicamente, não é diferente: uma sessão musical silenciosa tem uma atmosfera muito diferente de uma sessão musicalmente ilustrada. A música é mágica, um caminho para diferentes tempos e dimensões de nossas vidas; da mesma forma, em relação aos tempos e simbolismos do trabalho maçônico.

A evolução e as mudanças experimentadas pela música desde que o homem despertou com sons – pois nascemos capazes dessa aventura – são impossíveis de esquematizar, muito menos de detalhar.

Masonicamente, a sensibilidade do irmão nomeado para o *Harmonia da Loja*, que devem prestar atenção à sua percepção na interação da sessão musical, assim como à resposta dos irmãos, que podem se sentir movidos de forma diferente pela mesma exposição ao som. A música deve envolver os irmãos e as obras da Loja; Encontros em que o tempo altera sua velocidade são exemplos de encontros enrolados no manto musical certo.

A música instrumental parece mais apropriada; as composições adaptadas aos diferentes momentos das sessões – Econômica, Elevação, Exaltação – devem ser cuidadosamente preparadas com o objetivo de sensibilizar e unir os irmãos participantes. Por outro lado, os hinos ganham força e importância quando são acompanhados por harmonizações cantadas. Nunca custa lembrar que a Maçonaria é um assunto sério.

Referências

- ANDERSON, J. As Constituições de Anderson, (traduzido por V.S.vonTempeski-Silka), Ed.Juruá, 2001.
- JORGE, Antônio. *A música da Maçonaria*. RLMAD – Mestre Affonso Domingues, 15 sets. 2021. Disponível em: <https://www.rlmad.net/arquivoblog/em-loja-a-musica-da-maconaria/2024>.
- JORGE, Antônio. *Dicionário de Maçonaria – Letra G*. Freemason.pt. Disponível em: <https://www.freemason.pt/dicionario-de-maconaria-letra-g/> 2024.
- BASTLER, C. e outros. Livro da Arte, Ed. Globo, 2019.
- CARR, H, As Primeiras Exposições Francesas, The Quatuor Coronati Lodge nº 2076, 1971.
- CASTELLANI, J, História do Grande Oriente do Brasil, Ed.GOB, 1993.
- CICHOSKI, L.V., Fundamentos Maçônicos, Old Charges, A Trolha, 2020.
- COLLISSON & cia. S. Livro da Música Clássica, Ed. Globo, 2019.
- ENCICLOPEDIA LABOR, Vol. VII, Editorial Labor, Madri, 1957.
- "RELAÇÃO Maçons". *MaçonsMaçonaria*. Disponível em: http://www.freemasons-freemasonry.com/relação_maçons.html/2024.
- GOULD, R.F., As quatro lojas antigas, Arcanum, 2018.
- GUIMARÃES, José Maurício. *Maçons Notáveis: John Philip Sousa*. Maçonaria e Maçon(s), 23 eliminados.

2020. Disponível em:

<https://www.freemason.pt/macons-notaveis-john-philip-sousa/> 2025.

"JOHANN Christian Bach". *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Johann_Christian_Bach#:~:text=Christian%20serviu%20como%20copista%20de,organista%20na%20catedral%20de%20Mil%C3%A3o/2024.

"LISTA de composições de Ludwig van Beethoven".

Wikipedia, A Enciclopédia Livre. Disponível em:

https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_compositions_by_Ludwig_van_Beethoven?x_tr_sl=en&x_tr_tl=pt&x_tr_hl=pt&x_tr_pto=sge#:~:text=A%20lista%20de%20composi%C3%A7%C3%B5es%20de,antes%20de%20sua%20morte%20em/ 2024

"LISTA de composições de Johann Christian Bach".

Wikipedia, A Enciclopédia Livre. Disponível em:

https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_compositions_by_Johann_Christian_Bach/ 2024

LOJA SÃO PAULO 43. Maçons famosos e ilustres.

Disponível em:

<https://www.lojasaopaulo43.com.br/ilustres.php>.

Acesse-os: 2024.

MAÇONARIA Virtual, Caminho do Dever – Maçons Ilustres. Disponível em:

<https://caminhododever.mvu.com.br/site/macons-ilustres/Ll1Hmt2TDIE3/atraspx#alemanha/> 2024.

"MAÇONS ilustres no Mundo". *Loja Barão de Mauá*.

Disponível em:

<https://lojabaraodemaua.com/site/macons-ilustres-no-mundo/s-29nvsfyZoY-3/atraspx/> 2024.

"MAÇONS Ilustres II". *Freemason.pt*. Disponível em:

<https://www.freemason.pt/mac-ilustres-2>

MÁXIMO, M. Palavras de Franco-Maçons, Hugin,

Portugal, 1999.

"MAÇONS Ilustra no Mundo". *Loja Barão de Mauá*.

Disponível em:

<https://lojabaraodemaua.com/site/macons-ilustres-no-mundo/s-29nvsfyZoY-3/atraspx/2024.>

"MAÇONS Ilustra no Mundo". *Loja Barão de Mauá*.

Disponível em:

<https://lojabaraodemaua.com/site/macons-ilustres-no-mundo/s-29nvsfyZoY-3/atraspx/2024.>

MELLOR, A, Dicionário da Franco-Maçonaria e dos

Franco-Maçons, M.Fontes, 1989.

"MÚSICA e Maçonaria – da Harmonia em loja às

ressonâncias secretas da Maçonaria". *Freemason.pt*.

Disponível em: <https://www.freemason.pt/musica-e->

[maconaria-da-harmonia-em-loja-as-ressonancias-secretas-da-maconaria/](https://www.freemason.pt/macons-notaveis-john-philip-sousa/) 2024.

PRICHARD, S. Maçonaria Dissecada, A Trolha, 2002.

PETERS, A. Mozart na Maçonaria, Letras

Contemporâneas, 1996.

PROBER, K, Cadastro das Lojas Maçônicas do Brasil,

1975.

RUSSOLO, L. A Arte dos Ruídos, Manifesto Futurista,

<https://pt.scribd.com/document/241725672/A-Arte-do-Ruido-pdf/> 2024.

SALLES, Rubens. *Uma Flauta Mágica*. Instituto Ruth

Salles, 23 de novembro. 2017. Disponível em:

<https://institutoruthsalles.com.br/a-flauta-magica>

TROLHA, X. Galeria de Maçons Famosos, vol. II, Ed.

Trolha, 1998.

TEIXEIRA, D.S. Mozart, Ed. Traço, 1991.

ZANDONADI, Eduardo José Gomes. *a 9ª Sinfonia de*

Beethoven e a Maçonaria – Ode à Alegria.

Masonic.com.br.

Disponível

em:

<https://masonic.com.br/trabalho/ode.html#:~:text=A%20%C2%A8Ode%20%C3%A0%20Alegria,que%20havia%20nela%20de%20ma%C3%A7%C3%B4nico/2024.>

MAÇONARIA E LIBERDADE NA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Raul Sturari ¹

Resumo:

Não é exagero afirmar que o Ocidente está passando por um processo de destruição das liberdades políticas, econômicas e sociais que proporcionaram, à humanidade como um todo, um período de fantástico desenvolvimento e vertiginosas realizações tecnológicas. Na condição de herdeiras desse liberalismo, parcelas das atuais gerações ignoram os perigos de se deixarem seduzir por infundadas promessas de segurança financeira. Essas reflexões são lastreadas em uma perspectiva histórica (raízes da liberdade), indicando que as liberdades que desfrutamos hoje podem ser somente um breve hiato na história das civilizações. A seguir, uma visita ao período da Independência do Brasil agrega novas reflexões, exaltando aqueles que conquistaram, a duras penas, nossa plena autonomia. Nos capítulos seguintes, uma visão contemporânea completa a moldura que permite apresentar o quadro da liberdade ameaçada, seja sob um prisma histórico, seja sob um ponto de vista geográfico, onde minorias bem articuladas parecem estar vencendo a guerra da utopia ideológica.

Palavras-chave: Liberalismo; Ocidente; História; Maçonaria; Independência do Brasil; Contemporaneidade.

Abstract:

It is no exaggeration to say that the West is undergoing a process of destruction of the political, economic, and social freedoms that provided humanity as a whole with a period of fantastic development and dizzying technological achievements. As heirs to this liberalism, segments of current generations ignore the dangers of being seduced by unfounded promises of financial security. These reflections are based on a historical perspective (the roots of freedom), indicating that the freedoms we enjoy today may be only a brief hiatus in the history of civilizations. Following this, a look at the period of Brazil's Independence adds new reflections, praising those who, with great difficulty, achieved our full autonomy. In the following chapters, a contemporary vision completes the framework that allows us to present the picture of threatened freedom, whether from a historical or geographical point of view, where well-organized minorities seem to be winning the war of ideological utopia.

Keywords: Liberalism; West; History; Freemasonry; Independence of Brazil; Contemporary times.

¹ Graduado em Administração pelas Faculdades Salesianas de Lins (1984) e bacharel em Ciências Militares (Infantaria) pela Academia Militar das Agulhas Negras (1976). Mestre em Aplicações Militares (1985) e doutor em Aplicações, Planejamento e Estudos Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (1992). Doutor em Política e Estratégia marítimas pela Escola de Guerra Naval (2002). E-mail: raulsturari@gmail.com

1. Introdução

Passados mais de dois séculos da Independência do Brasil, oportunas se fazem reflexões históricas e hodiernas que nos permitam vislumbrar as principais tendências e antecipar os cruciais desafios que — como cidadãos de destaque em seu ambiente social ou de trabalho — os maçons serão chamados a enfrentar.

Independência e Liberdade são conceitos indissociáveis! Só é independente quem é livre para tomar suas próprias decisões, ou seja, definir seus caminhos e construir sua identidade.

Em 1822, a Independência do Brasil foi construída com a participação protagonista de abnegados maçons, como José Bonifácio, Joaquim Gonçalves Ledo, José Clemente Pereira, Januário da Cunha Barbosa e o próprio D. Pedro I, segundo Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil. Todavia, muitas outras personalidades foram fundamentais nesse processo, a começar pela Princesa Leopoldina — austríaca de nascimento e brasileira de coração. Foram patriotas que não mediram esforços e sacrifícios para legar um país melhor e, principalmente, livre, para seus filhos e netos.

2. As raízes da liberdade

Segundo o dicionário Michaelis, “Liberdade é o nível de total e legítima autonomia que representa o ideal maior de um cidadão, de um povo ou de um país”; ou “poder de agir livremente, dentro de uma sociedade organizada, de acordo com os limites impostos pela lei; ou ainda “extinção de todo elemento opressor que seja ilegítimo”.

De imediato, convém destacar que, originariamente, nenhuma liberdade está acima da Lei, ou seja, dos limites impostos pelas sociedades para criar um saudável ambiente de respeito e harmonia. Deveria ser assim e espera-se que assim seja. Contudo, esses conceitos estão, nos dias atuais, severamente ameaçados.

No hemisfério ocidental — em que vivemos — a conjuntura contemporânea torna-se cada vez mais complexa e instável. E uma análise mais acurada indica que é preciso excluir, alto e em bom tom, que a Liberdade tão duramente conquistada por nossos antepassados recentes está em sério risco. Sem querer parecer excessivamente catastrofista, mas sabendo o quanto os conceitos de Independência e Liberdade são caros à Maçonaria, é preciso — ou melhor, é imperioso — refletir, dialogar e discutir sobre isso, com urgência.

Estudiosos como KRUNFLI (2024) identificam quatro gerações convivendo, no mercado de trabalho, nesta terceira década do terceiro milênio da era cristã: *Baby Boomers*, nascidos entre 1945 e 1964; *Geração X*, nascidos entre 1965 e 1981; *Millennials*, nascidos entre

1982 e 1994; *Geração Z* (*Centennials*, nascidos entre 1995 e 2010).

Considerando-se o último século, a geração que efetivamente se sacrificou pela liberdade é anterior à dos *Baby Boomers*, chamada carinhosamente de Veteranos, que nasceram antes de 1945. Somente na Segunda Guerra Mundial, estima-se em 85 milhões o número de mortos, sendo cerca de 50 milhões de civis. Resumidamente, esse foi o altíssimo preço que essa geração pagou para derrotar os tirânicos nazistas (Alemanha), fascistas (Itália) e imperialistas (Japão).

A geração seguinte, dos *Baby Boomers*, e a parte mais velha da *Geração X* tiveram importantes participações — embora episódicas e pontuais — em “batalhas” pela Liberdade, em seu sentido mais amplo, na medida em que lograram evitar que suas nações se submetessem ao Movimento Comunista Internacional, responsável por cerca de 94 milhões de mortes, somente no Século XX (Courtois, 1999).

Contudo, as últimas décadas têm sido particularmente auspiciosas e, desse modo, não é exagero afirmar que as gerações ocidentais mais recentes praticamente ignoram o que é ausência de Liberdade, exceto nos países onde a esquerda tomou o poder, a exemplo de Cuba e da Venezuela. Para essa maioria, a Liberdade é absolutamente natural e inerente à toda a humanidade.

Esse é o maior perigo da atualidade, porque, como disse Ronald Reagan (1961), “a Liberdade nunca está a mais do que uma geração de distância da extinção. Nós não a passamos aos nossos filhos na corrente sanguínea. Ela deve ser protegida e entregue para que eles façam o mesmo”.

Por isso, em contraponto a esse quadro contemporâneo, é preciso uma visão histórica mais aprofundada e bem mais abrangente para entender que a Liberdade que desfrutamos hoje pode ser considerada “acidental” e representa um curtíssimo período — talvez de exceção — na evolução da humanidade.

Jonah Goldberg (2020), em seu livro *O Suicídio do Ocidente*, argumenta que o capitalismo democrático e liberal não é natural, na história humana. Essa maneira de organizar a sociedade é relativamente nova, sendo responsável por quase todo o vertiginoso progresso que vem ocorrendo nos últimos três séculos. Essa é a “espantosa verdade” que o autor chama de “o Milagre”.

Por sua vez Yuval Harari (2016, 2018 e 2020) oferece interessante reflexão acerca dos princípios da História, ao descrever que, em torno de 9.500 a 8.500 antes de Cristo, os humanos começaram a semear plantas comestíveis e a domesticar animais. Com isso, os caçadores-coletores deram lugar aos agricultores-pastores, com tribos maiores e que tiveram, como

consequência, a organização de sistemas inéditos de hierarquias sociais, implicando mais trabalho e resultando em ampla e aceita escravidão.

Nos onze ou doze milênios seguintes, a humanidade evoluiu tímida e vagarosamente, com hiatos de tirânica, porém efêmera, prosperidade — a exemplo do Antigo Egito, do Império Romano e do Império Mongol de Gengis Khan. Nesse longo período, o progresso foi sempre vencido por sucessivos e costumeiros episódios marcados pela peste, pela fome e pelas guerras, até o advento das Revoluções Industriais dos Séculos XVIII e XIX.

Durante a Idade Média, na Europa, os servos e vassallos — a esmagadora maioria da população — eram verdadeiros escravos dos suseranos (nobres), aos quais deviam fidelidade absoluta e pagavam altíssimos tributos, em troca de proteção. Naquela época surgiu a Maçonaria Operativa, cujos integrantes foram responsáveis pela construção de magníficos castelos e catedrais, muitos dos quais permanecem edificadas. Quando um maçom era reconhecido pelo Senhor Feudal por seus trabalhos, era beneficiado com uma espécie de “carta de alforria”, que lhe permitia circular por outros reinos, em busca de novos trabalhos. Daí a expressão “pedreiro-livre” (*freemason* em inglês ou *franc maçon* em francês).

As Revoluções Industriais são frutos diretos do liberalismo e, por isso, é essencial discorrer sobre John Locke (1632-1704) — o “pai do liberalismo”, o principal formulador do empirismo britânico, um dos mais destacados teóricos do contrato social e precursor do Iluminismo. Sobre o contrato social, é fundamental entender a dicotomia entre Locke e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), um dos mais destacados filósofos do Iluminismo. Sinteticamente,

Para Locke, o individual vem antes do Estado. Para Rousseau, o Estado — ou a vontade geral — vem antes das pessoas. Para os lockianos, nossos direitos vêm de Deus, não do governo. Para os rousseauianos, nossos direitos são indistinguíveis, ou ao menos inseparáveis, de nossos deveres para com o Estado (Goldberg, Jonah, p. 163, 2020).

Embora o Iluminismo, como um todo, tenha influenciado a construção de muitas das ideias que motivaram a independência dos EUA, não há dúvidas de que foi o liberalismo de Locke que prevaleceu entre os fundadores da pátria norte-americana, porque

Locke era rotineiramente invocado nos sermões dos pastores pró-revolução, que eram frequentemente transformados em panfletos. (Os sermões constituíam ao menos 10% de todos os panfletos publicados na época). A influência de Locke sobre os pastores e a influência dos pastores entre o povo eram tão grandes que o historiador Clinton Rossiter concluiu: “Se os ministros tivessem sido os únicos porta-vozes da causa americana, se os textos de Jefferson, Adams e Otis jamais tivessem sido publicados, o pensamento político da revolução teria seguido quase exatamente na mesma linha, talvez com um pouco mais de menção a Deus, mas com o mesmo número de menções a John Locke” (Goldberg, Jonah, p. 159, 2020).

Por outro lado, Rousseau é abertamente autoritário, ao defender o Estado que, de modo absolutamente tirânico, deve subjugar seu povo. Em seu *Discurso sobre os efeitos morais das artes e das ciências*, ele defende que

Desde que o governo e a lei forneçam segurança e bem-estar aos homens em suas vidas comuns, as artes, a literatura e as ciências, menos despóticas, mas talvez mais poderosas, enfeitarão com guirlandas de flores as correntes que os prendem. Elas sufocam no peito dos homens aquela sensação de liberdade original para o qual eles parecem ter nascido, fazem com que amem a própria escravidão e, desse modo, os transformam nos chamados povos civilizados (Rousseau, Jean-Jacques, in Goldberg, Jonah, p. 146, 2020).

As palavras de Rousseau permanecem perigosamente proféticas, especialmente quando são identificados governos e organismos internacionais que, muitas vezes de modo sub-reptício, buscam suprimir nossas liberdades, ao tempo em que oferecem, como moeda de troca, “segurança climática” e/ou segurança econômica (renda mínima universal).

3. A independência do Brasil

A Independência do Brasil, proclamada em 7 de setembro de 1822, difere significativamente da maioria dos processos de emancipação política da América Hispânica. Enquanto grande parte das nações vizinhas optou pela república e enfrentou longas guerras civis, o Brasil manteve a unidade territorial sob uma monarquia, com um processo relativamente pacífico, liderado por um membro da própria casa real portuguesa, D. Pedro I.

Essa singularidade deve-se a uma complexa interação de fatores, incluindo a vinda da Família Real para o Brasil em 1808, a elevação do Brasil a Reino Unido em 1815, as pressões das Cortes de Lisboa para recolonizar o Brasil e a atuação de figuras políticas e intelectuais que, muitas vezes, encontraram na Maçonaria um espaço privilegiado para a articulação de ideias e planos.

3.1. O Papel da Maçonaria na Independência Brasileira

A Maçonaria, com seus ideais iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade, e sua estrutura de organização discreta e hierárquica, tornou-se um terreno fértil para a articulação de movimentos políticos em diversas partes do mundo, incluindo as Américas. No Brasil, as Lojas Maçônicas serviram como centros de debate, planejamento e coordenação para os anseios de autonomia e, posteriormente, de independência.

A influência maçônica no processo de independência brasileira é inegável, embora sua natureza exata e a extensão de seu poder sejam temas de contínuo estudo. As Lojas reuniam indivíduos de diferentes estratos sociais e ideologias, unidos pelo desejo de romper os laços coloniais com Portugal. Nesse contexto, a fundação do Grande Oriente do Brasil (GOB), em 17 de junho de 1822, teve por finalidade reforçar o papel da Maçonaria como polo aglutinador das forças políticas liberais e instrumento de pressão junto a D. Pedro.

O GOB foi fechado pelo próprio D. Pedro em outubro de 1822 e só retornaria às atividades legais em 1831, após a abdicação e o retorno do Imperador a Portugal.

3.2. José Bonifácio, o Patriarca da Independência

José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838) foi uma das figuras mais proeminentes e complexas do processo de independência. Sua atuação foi fundamental para a consolidação do movimento emancipacionista e para a formação do Estado brasileiro.

Bonifácio era um intelectual polímata, com vasta formação em ciências naturais, mineralogia, metalurgia e política, adquirida na Europa. Suas ideias eram avançadas para a época, defendendo a abolição gradual da escravidão, a reforma agrária, a preservação ambiental e a modernização econômica do país. Politicamente, era um monarquista convicto, mas defendia uma monarquia constitucional forte e centralizada, capaz de garantir a ordem e o progresso do Brasil.

Regressando de uma longa estada na Europa, chegou ao Brasil em 1819 e rapidamente se tornou uma figura de destaque. Foi o autor de uma carta dos paulistas ao príncipe D. Pedro, em apoio ao movimento do "Fico", culminado em 9 de janeiro de 1822. Nesse mesmo mês, foi nomeado Ministro do Reino e dos Estrangeiros pelo Príncipe Regente, tornando-se seu principal conselheiro. Sua influência foi decisiva em momentos cruciais, como no Decreto do "Cumpra-se", de 11 de fevereiro de 1822, quando, por sua sugestão, D. Pedro decretou que nenhuma ordem das Cortes portuguesas seria cumprida no Brasil sem o seu "cumpra-se", um passo decisivo para a autonomia.

José Bonifácio trabalhou incansavelmente para fortalecer a posição de D. Pedro, organizando a defesa do país, buscando apoio internacional e neutralizando focos de resistência portuguesa. Foi fundador e principal líder do "Apostolado da Nobre Ordem dos Cavaleiros de Santa Cruz", organização secreta inspirada na Carbonária europeia. O próprio Príncipe Regente participou da reunião de fundação e foi eleito seu chefe.

Na Maçonaria, Bonifácio foi o primeiro Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil, como resultado de um movimento articulado e liderado por Gonçalves Ledo. Sua liderança maçônica conferiu legitimidade e organização ao movimento independentista, utilizando os maçons para disseminar as ideias e coordenar as ações. Foi Bonifácio que iniciou o Príncipe D. Pedro na Loja Comércio e Artes, em 2 de agosto de 1822. No entanto, sua visão mais conservadora e centralizadora, bem como sua proximidade com D. Pedro, geraram atritos com a ala mais liberal da Maçonaria.

3.3. Joaquim Gonçalves Ledo, o Liberal

Joaquim Gonçalves Ledo (1781-1847) foi outra figura maçônica de grande relevância, representando a ala mais liberal e, por vezes, radical do movimento independentista.

Ledo era um jornalista e político com ideais liberais mais acentuados do que Bonifácio. Ele defendia uma maior participação popular, a liberdade de imprensa e a limitação do poder monárquico. Sua visão era mais descentralizada e visava a uma ruptura mais

completa com o modelo político português, aproximando-o do modelo inglês.

Ao lado de Januário da Cunha Barbosa (1780-1846) — cônego, jornalista, historiador e maçom — Ledo fundou, em setembro de 1821, o jornal *Revérbero Constitucional Fluminense*, para difundir os ideais de um regime centrado na Constituição, em meio ao efervescente clima político gerado pela Revolução Liberal do Porto (1820) e pelas crescentes tensões entre as Cortes de Lisboa e o Reino do Brasil.

Ledo foi o principal líder articulador do movimento que culminou com o “Dia do Fico”, em 9 de janeiro de 1822, e o idealizador da concessão do título de “Defensor Perpétuo do Brasil” ao Príncipe D. Pedro, em 13 de maio de 1822. Alguns historiadores afirmam, sem apresentar evidências, que Ledo era republicano. Como considerar republicano um líder que tudo fez para que o Príncipe Regente ficasse no Brasil, no episódio do “Fico”? E que a ele concedeu o título de “Defensor Perpétuo do Brasil”? Além disso, uma acurada leitura de todos os números do *Revérbero Constitucional Fluminense*, bem como das atas do GOB, em 1822, permite afirmar que, em nenhum momento, Ledo defendeu a República como alternativa para o Brasil independente.

Foi a principal liderança e o grande realizador do Grande Oriente do Brasil. Foi dele o estratagema de dividir a poderosa Loja Comércio e Artes, fundando outras duas: Esperança de Niterói e União e Tranquilidade, de modo a fundar o Grande Oriente do Brasil (GOB), do qual foi Primeiro-Vigilante, quando articulou a eleição de Bonifácio como Grão-Mestre, mesmo sem sua presença.

A relação entre Ledo e Bonifácio foi marcada por uma intensa rivalidade política e ideológica. Enquanto Bonifácio buscava uma independência controlada e a manutenção da ordem sob uma monarquia forte, Ledo defendia uma ruptura mais radical e a instauração de um regime mais liberal, com maior participação popular, nos moldes da Inglaterra.

Foi Ledo que exaltou D. Pedro ao grau de Mestre e depois o elegeu Grão-Mestre, no GOB, tudo sem a presença de Bonifácio.

Seguindo um estratagema usado pelos líderes da Revolução do Porto, em Portugal, com relação a D. João VI, Ledo pediu a D. Pedro que assinasse uma carta, por ocasião da cerimônia de Aclamação do Imperador, em 12 de outubro de 1822, jurando fidelidade à Constituição brasileira, cuja escrita sequer havia sido iniciada.

Depois disso, por influência de Bonifácio (que acusou Ledo de republicano), D. Pedro manda fechar o GOB e, na sequência, prender seus líderes. Ledo conseguiu fugir para a Argentina, de onde só regressaria anos mais tarde.

3.4. D. Pedro I, Figura Central da Independência

D. Pedro I (1798-1834) chegou ao Brasil com a Família Real Portuguesa, em 1808, e teve sua formação e experiência no Rio de Janeiro, longe do ambiente conservador da corte europeia. Foi assim moldado como um príncipe com sensibilidade para as aspirações de autonomia da elite brasileira.

Sua centralidade na Independência pode ser resumida em alguns pontos cruciais:

Herdeiro da Coroa Portuguesa no Brasil. Ao contrário dos líderes independentistas da América Hispânica, que eram figuras locais sem laços diretos com a metrópole, D. Pedro era o herdeiro do trono português. Isso conferiu uma legitimidade singular ao movimento brasileiro, evitando uma ruptura total e violenta com a tradição monárquica.

Liderança Carismática e Decisões Estratégicas. D. Pedro soube capitalizar o crescente sentimento antilusitano e as pressões das Cortes de Lisboa para recolonizar o Brasil. Sua decisão de permanecer no Brasil (Dia do Fico, 9 de janeiro de 1822), o decreto do “Cumpra-se” (11 de fevereiro de 1822) e a proclamação da Independência às margens do Ipiranga (7 de setembro de 1822) foram atos de grande coragem política e carisma, que galvanizaram o apoio das elites e da maior parte da população.

Manutenção da Unidade Territorial. A liderança de D. Pedro foi fundamental para evitar a fragmentação do vasto território brasileiro, um destino comum de muitas das ex-colônias espanholas. A monarquia centralizada, sob sua égide, serviu como um elemento aglutinador.

Guatimozim. D. Pedro I foi iniciado na Loja Comércio e Artes, no Rio de Janeiro, por José Bonifácio, em 2 de agosto de 1822, adotando o nome simbólico de “Guatimozim”, em referência ao último imperador asteca. Foi também eleito Grão-Mestre, em 4 de outubro, por Gonçalves Ledo, mesmo sem a presença de Bonifácio.

Sua iniciação confirmou seu compromisso com os ideais liberais e com a causa da Independência, conquistando a confiança e o apoio de um grupo influente, que clamava por maior autonomia. A Maçonaria era um dos principais centros de articulação do movimento e a adesão do Príncipe fez convergir moderados e radicais sob sua liderança. Além disso, fortaleceu sua posição na ruptura com Portugal e contra as pretensões recolonizadoras das Cortes de Lisboa.

Em suma, a Maçonaria proporcionou um rico ambiente para a propagação de ideais liberais e independentistas, que eram debatidos e adaptados à realidade brasileira. Embora não tenha sido a única força motriz da Independência, sua influência foi um

dos pilares que sustentaram o movimento separatista, permitindo que o Brasil trilhasse um caminho singular para sua autonomia política. A complexidade de suas relações internas e a diversidade de seus membros enriquecem a compreensão desse período tão significativo da história brasileira.

4. Contemporaneidade

Com a Independência e, depois, com a República, o Brasil alinhou-se com as democracias do Ocidente a passou por alguns períodos de liberalismo — sempre acompanhados de sólido desenvolvimento socioeconômico.

Contudo, a conjuntura atual indica que a liberdade proporcionada pelo capitalismo democrático e liberal se revela frágil e poderá ser efêmera, a depender dos segmentos mais jovens da população. E o problema, como já foi explanado, é que grande parte das gerações mais recentes não está ciente da dimensão e da importância de preservar a autonomia individual e coletiva.

A inquestionável Declaração Universal dos Direitos Humanos foi adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro 1948. Tem sete “considerandos” em seu preâmbulo e somente 30 artigos. Nesse texto, a palavra “liberdade” aparece 24 vezes e a palavra “livre” aparece sete vezes, ou seja, 31 vezes em 37 dispositivos. Sem dúvida, Direitos Humanos e Liberdade são conceitos intrínsecos, aderentes e indissociáveis.

Nos últimos 77 anos, embora essa maciça, saudável e consistente liberdade tenha sido invocada e seguida, centenas de milhares de vezes, por lideranças democráticas, em todos os níveis, o fato é que, nos últimos anos, importantes atores internacionais do Ocidente têm trabalhado no sentido de “relativizar” os conceitos de liberdade preconizados na Declaração Universal, especialmente em favor das chamadas “minorias identitárias” e contra a imensa maioria conservadora e liberal.

Nessa mesma linha, no Brasil, a Constituição Federal de 1988 tem 250 artigos e nela são encontradas as palavras “liberdade” 17 vezes e “livre” 24 vezes, totalizando 41 citações. Um olhar atento permite afirmar que praticamente todos os dispositivos da Declaração Universal dos Direitos Humanos foram acolhidos pela nossa Carta Magna.

No âmbito da Maçonaria, vale citar o Art. 1º da Constituição do Grande Oriente do Brasil, estabelecendo que os fins supremos da Maçonaria são: **Liberdade**, Igualdade e Fraternidade, sabidamente incorporados quando da participação no desenvolvimento do Iluminismo, que culminou com a Revolução Francesa de 1789.

Ainda no Art. 1º, parágrafo único, encontramos diversos incisos especialmente dedicados à Liberdade. Segundo eles, a Maçonaria:

- proclama que os homens são **livres** e iguais em direitos;
- defende a plena **liberdade de expressão** do pensamento, como direito fundamental do ser humano;
- defende que **nenhum** Maçom seja **obrigado** a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;
- **condena a exploração** do homem, os privilégios e as regalias, enaltecendo, porém, o mérito da inteligência e da virtude, bem como o valor demonstrado na prestação de serviços à Ordem, à Pátria e à Humanidade;
- combate a **tiranía**.

Todo esse contexto coloca claramente os maçons como conservadores, em franca oposição à esquerda progressista. Sobre as divergências entre conservadores e progressistas, vale citar Russell Kirk (1918–1994), quando considera que

O conservador pensa na política como um meio de preservar a ordem, a justiça e a liberdade. O progressista, pelo contrário, pensa na política como um instrumento revolucionário para transformar a sociedade e até mesmo transformar a natureza humana. Na sua marcha em direção à utopia, o progressista é impiedoso (Brasil Paralelo, 2021).

Nas últimas seis décadas, diversos países ocidentais adotaram princípios do liberalismo econômico, ainda que, por vezes, em episódios alternados com políticas socialistas, tais como: EUA, Canadá, Reino Unido, Holanda, Bélgica, Alemanha, Suíça, França, Áustria, Dinamarca, Suécia, Noruega e Finlândia. Após o fim da União Soviética, em 1991, vale citar: República Tcheca, Eslováquia, Polônia e Estônia.

Na Ásia, podem ser citados os “tigres asiáticos”, como Japão, Hong Kong, Cingapura, Coreia do Sul e Taiwan. Na Oceania: Austrália e Nova Zelândia. Lamentavelmente, na África, não há exemplos e, na América Latina só é possível citar o Chile, por um pequeno período, nas décadas de 1970 e 1980.

Essas experiências indicam que, invariavelmente, houve aumento da poupança, incremento na produção de bens de capital e um acelerado progresso científico e tecnológico. Além disso, houve ampliação das ofertas de comida,

vestuário e habitação, bem como melhores serviços de saneamento e higiene.

Como resultado, a mortalidade infantil diminuiu radicalmente, a expectativa de vida aumentou, o cidadão médio pôde se dar ao luxo de trabalhar menos horas por semana e o trabalho infantil foi progressivamente eliminado. Ademais, pela primeira vez na história, o cidadão comum passou a ter acesso a livros, música, arte e educação. Daí vêm as condições básicas para que os países da Europa Ocidental pudessem construir e manter as vastas redes de proteção social das quais tanto se orgulham.

Mesmo considerando que houve aumento da desigualdade econômica, em muitos casos, é preciso também reconhecer que houve significativa melhoria para as camadas menos favorecidas. Vale dizer que o capitalismo democrático e liberal promove o desenvolvimento de todos os estratos da sociedade, embora com maior velocidade junto aos mais ricos. Por outro lado, o socialismo reduz as desigualdades reprimindo severamente o setor produtivo, numa conjuntura onde, inevitavelmente, os pobres terminam por ficar ainda mais pobres. Vide Cuba e Venezuela, por exemplo.

5. A liberdade ameaçada

Mas, se a liberdade e o liberalismo são tão bons, porque a maioria da humanidade ainda não percebeu isso e porque a maioria dos países, especialmente na Ásia, no Oriente Médio e na África, permanece com regimes onde somente a cúpula goza de direitos e liberdades semelhantes aos povos ocidentais? E por que segmentos importantes de países europeus, dos EUA, do Canadá e da América Latina adotam virulentas atitudes socialistas e progressistas, num processo que James Burnham (2020) e Jonah Golderg (2020) caracterizaram como “O suicídio do Ocidente”? A resposta pode parecer estranha, mas a verdade é que, à luz da História, a tirania é a normalidade e a liberdade democrática é a exceção.

Uma vez no Poder, os ideólogos de esquerda revelam-se implacáveis. A democracia que os levou aos postos de mando será abolida e as liberdades de que fizeram uso serão exterminadas, levando a longos e terríveis períodos da mais cruel ditadura. Basta ver os exemplos de Cuba e Venezuela. A segurança absoluta só seria possível, em tese, em uma economia comunista e planificada — que nunca foi e nunca será bem-sucedida. Além disso, para o maçom Benjamin Franklin, reverenciado como um dos principais líderes da Independência norte-americana, “aqueles que se dispõem a renunciar à liberdade essencial em troca de uma pequena segurança temporária não merecem liberdade nem segurança” (Instituto Liberal, 2021).

6. Considerações finais

É louvável e motivo de orgulho para todos os brasileiros — especialmente para os **maçons** — o processo histórico que culminou com a **Independência do Brasil**. Todavia, passados mais de dois séculos, é preocupante reconhecer que a Liberdade, como marca indelével do desenvolvimento do Ocidente, está em risco:

- sob o **prisma histórico**, porque a evolução da humanidade indica que o normal sempre foi a submissão e a servidão de muitos, para o privilégio de poucos;
- sob o **ponto de vista demográfico**, porque as populações que viveram — ou vivem — períodos de capitalismo democrático e liberal nas últimas décadas não ultrapassam a 16% do total mundial.
- porque **segmentos minoritários** da sociedade — porém ativos e bem articulados — com o apoio de grandes atores econômicos absolutistas, oferecem a muitos incautos utópica segurança absoluta, sem a correlata responsabilidade, em troca de perdas das Liberdades individuais e coletivas.

Por tudo isso, faz-se inevitável a pergunta: o que estão efetivamente realizando, todos aqueles que ocupam posições de destaque em seu ambiente social ou de trabalho, na qualidade de cidadãos plenos — como os maçons — para cuidar bem da nossa liberdade, protegê-la e, depois, entregar para seus filhos e netos, para que façam o mesmo?

NOTAS

BRASIL PARALELO. *O que é conservadorismo?* 2021. Disponível em:

<https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-e-conservadorismo>. Acesso em 03Jan.2026.

BURNHUM, James. *O Suicídio do Ocidente: um Ensaio sobre o Significado e o Destino do Esquerdismo*. Campinas: Vide Editorial, 2020.

COURTOIS, Stéphane (org). *O Livro Negro do Comunismo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

GOLDBERG, Jonah. *O Suicídio do Ocidente: como o tribalismo, o populismo, o nacionalismo e a política identitária estão destruindo a Democracia*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

HARARI, Yuval N. *21 Lições para o Século XXI*. 1ª Ed. São Paulo: Eusimore, 2020.

HARARI, Yuval N. *Homo Deus*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARARI, Yuval N. *Sapiens: Uma Breve História da Humanidade*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

INSTITUTO LIBERAL. *Qual é o valor de sua liberdade?* 2021. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/blog/politica/qual-o-valor-da-sua-liberdade/>. Consulta realizada em 03Jan.2026.

KRUNFLI, Mariana. *Dos baby boomers à geração Z*. Forbes, 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/carreira/2024/09/dos-baby-boomers-a-geracao-z-o-que-cada-profissional-quer-no-trabalho/>. Acesso em 28Dez.2025.

LIBERDADE. In: MICHAELIS: *Dicionário online de Português*. São Paulo: UOL/Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://www.michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 28Dez.2025.

REAGAN, Ronald. Trecho do discurso "*Encroaching Control*", feito em março de 1961 na Câmara do Comércio, em Phoenix, EUA. Disponível em <https://www.pensador.com/frase/MzA2MDA2MQ/>. Acesso em 28Dez.2025..

GENEALOGIA MAÇÔNICA DA GRANDE LOJA DE QUERÉTARO (MÉXICO)

Marco Antonio Huerta García ¹

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo conhecer as relações familiares na tradição maçônica da Muito Respeitável Grande Loja de Querétaro (MRGLEQ) do Antigo e Aceito Rito Escocês, México. Na primeira parte, é apresentado o arcabouço maçônico de Querétaro, bem como as posições teóricas baseadas em sistemas familiares e metodológicas por meio da aplicação de levantamentos com amostragem aleatória simples. No segundo, são identificados e analisados os resultados divulgados na pesquisa por membros da Grande Loja de Querétaro, com e sem origens familiares maçônicas, aos quais é dada uma interpretação histórica, geopolítica e socioeconômica, juntamente com o contraste com outras regiões geográficas do mundo.

Palavras-chave: Maçonaria; Genealogia; Querétaro.

Abstract:

This study aims to examine family relationships within the Masonic tradition of the Most Worshipful Grand Lodge of Querétaro (MRGLEQ) of the Ancient and Accepted Scottish Rite in Mexico. The first part presents the Masonic framework of Querétaro, as well as the theoretical approach—based on family systems—and the methodology, which involved simple random sampling surveys. The second part identifies and analyzes the survey results from members of the Grand Lodge of Querétaro—both with and without Masonic family backgrounds—offering a historical, geopolitical, and socioeconomic interpretation and comparing the findings with other geographic regions of the world.

Keywords: Freemasonry; Genealogy; Querétaro.

¹ Licenciado en Geografía por la Facultad de Filosofía y Letras de la UNAM, mención honorífica tanto en la Maestría en Geografía (planeación del territorio) como en el Doctorado en Geografía (medio ambiente) en la UNAM. E-mail: mahuerg@hotmail.com

Introdução

Até agora, existem poucos estudos no México sobre a genealogia maçônica dos membros da Maçonaria simbólica no país, então esta pesquisa visa preencher a lacuna de informação desta instituição como uma das mais antigas em relações internacionais. A Maçonaria é uma instituição fundamental na história moderna e contemporânea do mundo ocidental, bem como na formação do Estado (Soberanes, J. L. & Martínez, C. F., 2018).

Porque, devido à sua discricionariedade, muitas vezes é difícil obter as informações necessárias para reconstruir a evolução maçônica de seus membros, por meio de instrumentos e metodologias de trabalho que serão mencionados mais adiante, espera-se que seja capaz de enriquecer sistematicamente um contexto ou panorama da origem, evolução e desenvolvimento da Grande Loja em Querétaro. além de revelar o contexto genealógico da família.

O acima é interessante, pois há muitos poucos estudos contemporâneos e sistematizados sobre maçons com ancestrais pertencentes à Ordem, não só no nível do país, mas de todo o mundo, entre outros aspectos, que nos permitam conhecer a personalidade e a obra dos maçons de Querétaro.

Vários estudos foram encontrados com características parcialmente semelhantes que falam de eventos específicos da história do país, como, por exemplo, os maçons que compunham a Assembleia Constituinte de 1917 (Martínez, C. F., 2018), ou algumas das Lojas espanholas, embora analisadas em suas ações do século XIX que serão mencionadas adiante, incluindo algumas publicações sobre pessoas famosas com laços maçônicos familiares, como o infeliz caso de Francisco Franco, onde seu pai e irmãos eram, e incongruentemente ele não aplicou seu decreto de afetação a parentes que tivessem tido um maçom entre seus parentes, até o segundo grau de consanguinidade (Blaschke, J., 2006).

Maçonaria em Querétaro

Embora se presuma que a Maçonaria já existia em Querétaro na época de Josefa Ortiz de Domínguez (início do século XIX), só após a consumação da Independência as primeiras Lojas Regulares foram estabelecidas, cuja carta patente dependia tanto da Grande Loja Mexicana Unida em Veracruz quanto da Grande Loja do Vale do México. foi apenas em 14 de outubro de 1932 que a MRGLEQ foi estabelecida (Cruz, F., 2022).

Ao longo de sua história, várias Lojas passaram por diferentes templos maçônicos localizados na cidade de Querétaro e em outros municípios da entidade; segundo a MRGLEQ, vale mencionar que ela

pertence formalmente à Confederação Maçônica Interamericana (CMI) desde 2018 (Crespo, J. e Longo, P.L., 2018). Atualmente, conta com 18 oficinas ativas na capital de Querétaro e mais duas na cidade de San Juan del Río; apenas 25% delas se originaram na primeira metade do século XX, 20% na segunda metade do século mencionado, e 55% foram fundadas no século atual (incluindo duas Lojas de Pesquisa). Grupos paraçônicos como o Shriners Club Querétaro, Widows Sons Querétaro e o workshop da Associação Juvenil Esperanza de la Fraternidad (recentemente fundado). Além do MRGLEQ, temos a Muito Respeitável Grande Loja Unida das Mulheres, uma "Alma Mexicana" Feminina (Huerta, M. A., et al., 2025).

Romeu, J. L. (2022) caracteriza a Maçonaria em dois aspectos principais: I) Introspectiva, caracteriza-se pelo desenvolvimento das qualidades pessoais de cada Maçom, ajudando-o assim a construir um melhor "templo interior"; Esse aspecto predomina (mas não é exclusivo) da Maçonaria Anglo-Saxônica, e busca desenvolver a sociedade, melhorando um membro dela, a cada vez. II) Ação Social, enfatiza a interpretação social dos princípios comunicados pelo ritual, que contribuem para melhorar o indivíduo e manter uma presença proativa dentro da sociedade em que ele está constituído, com base na aplicação desses princípios, pela loja como instituição; esse aspecto predomina na Maçonaria latino-americana, à qual o México pertence.

Posições teórico-metodológicas

Uma boa forma de abordar a família é baseada na teoria geral dos sistemas. Existem muitas definições de "sistema", mas em termos deste trabalho adota-se a de Von Bertalanffy, L. (1986): Um sistema é um conjunto de partes coordenadas e interajosas para alcançar um conjunto de objetivos. Essa corrente não visa resolver problemas ou tentar soluções práticas, mas sim produzir teorias e formulações conceituais que possam ser aplicadas na prática.

A família, entendida como um sistema, podemos mencionar que, de acordo com a totalidade, o comportamento de todo o sistema familiar não pode ser explicado pela soma dos comportamentos de todos os seus membros; O que acontece com um membro da família afeta todos os outros.

A Maçonaria, como parte dos valores, crenças e costumes transmitidos de geração em geração entre os membros de uma família na forma de sistemas, é uma das teorias mais recorrentes no estudo dos sistemas familiares, pois estabelece relações sociais dentro e fora de forma estruturada para cada um de seus membros e os papéis fundamentais que desempenham.

A inter-relação e o feedback entre os membros de uma família criam laços importantes entre os

membros de uma Grande Loja. Isso levará à suposição de que a relevância dos maçons envolve um vínculo emocional familiar importante, e não apenas uma simples curiosidade e necessidade de pertencer a um grupo.

Portanto, neste trabalho há a hipótese de que mais de 50% dos membros atuais da MRGLEQ possuem pelo menos um familiar que pertence ou pertenceu à Ordem, o que tem um significado fundamental para sua relevância e crescimento dentro dessa instituição da sociedade civil.

Para demonstrar a hipótese acima, foi realizada uma metodologia de pesquisa em um universo amostral de 148 maçons membros da MRGLEQ (Huerta, M. A., Lúcia, L., & Pastrana, H., 2022), por meio de um método de coleta de pesquisa online pelo software da empresa Tendencia: Investigación de Mercados (TIM Data). uma amostragem aleatória simples (seleção livre) e um total de pesquisas eficazes com 64 questionários totalmente respondidos (de membros pertencentes a 12 das 15 Lojas então ativas na MRGLEQ) em um período de coleta de informações de 24 de junho a 6 de julho de 2022, o que resulta em um nível de confiança de 90% e uma margem de erro de +/- 6,5%.

A validação das informações foi feita por meio da declaração livre do réu e de um marco da Lei Federal de Proteção de Dados Pessoais em Posse de Particulares. Os resultados foram divulgados por meio de uma reunião virtual direcionada aos membros da MRGLEQ, como uma das linhas de trabalho da Respeitável Loja de Pesquisa "Nelly" nº 29.

Genealogia Maçônica de Querétaro

Um dos resultados mais notáveis foi revelar que mais da metade dos maçons em Querétaro têm origem familiar (52% dos entrevistados). Deste universo, a consanguinidade de primeiro grau representava 24,2%, com o Pai (sogro em menor grau) destacando-se como um membro proeminente e refletindo, em grande parte, um dos eixos no processo de transmissão emocional do sistema familiar multigeracional. No entanto, a consanguinidade de segundo grau foi a mais importante nos resultados, pois concentrou 33,3% das respostas, destacando entre seus membros a figura do Avô (Irmão em menor grau), que fortalece um dos postulados dos sistemas familiares mencionados acima. Em menor proporção, mas não menos importantes, são os laços consanguíneos de terceiro e quarto grau, com 15,2% cada e liderados, respectivamente, por tios (bisavô em menor grau) e primos (tio-avô em menor grau). Como não especificado, há 12,1%.

Vale mencionar que 55% dos maçons de Querétaro com história familiar maçônica ainda

possuem objetos maçônicos seus, destacando tanto o Primeiro quanto o Segundo Grau com 75% e 73%, respectivamente. Os alunos do Terceiro e 4º anos estão 40% abaixo da média, respectivamente; 0% não especificado. É muito provável que os laços sanguíneos próximos com Pais e Avós forneçam objetos tangíveis que permeiam as decisões das novas gerações de Maçons.

O número médio de anos como maçom no estado de Querétaro é de 7,3 anos; nesse aspecto há dados inversos, já que aqueles que não têm um familiar são maçom há um pouco mais de tempo: 7,7 anos, em comparação com aqueles que têm 7,0 anos. No entanto, quando analisamos os diplomas maçônicos obtidos em suas carreiras, a média estadual é 7,6, mas os membros com origens familiares maçônicas sobem para 8,5 em comparação com aqueles que não têm apenas 6,7. Ao analisar por seções os graus maçônicos do Rito Escocês Antigo e Aceito que tem como grau máximo o 33º, pode-se observar que 75% dos que existem no estado de Querétaro têm história familiar maçônica, e que, se a proporção dentro desses grupos for analisada, representa 9,1% do subtotal, ao contrário daqueles que não têm parentes, onde chega a apenas 3,2%.

Fazendo uma análise dessas duas últimas variáveis, é interessante saber que no MRGLEQ o Maçom avança 1,04 graus por ano, mas os Maçons com histórico familiar avançam mais rápido, com 1,21 grau por ano, e aqueles que não têm parentes vão mais devagar, com apenas 0,87 graus por ano. Pode-se inferir que membros com genealogia maçônica podem ser positivamente influenciados no que poderíamos chamar de "educação maçônica doméstica", além daquela que aprendem em suas respectivas Lojas.

Algo que chama muita atenção e relacionado à seção anterior é quem é convidado por maçons que têm parentes a pertencer à fraternidade, e embora se possa mencionar que apenas um terço deles (30,3%) é convidado por seus próprios parentes, pouco mais da metade, 54,5%, são convidados por amigos ou conhecidos (Maçons), restando apenas 15,2% que se aproximaram da instituição sozinhos. Diferente dos maçons de Querétaro, que não têm formação genealógica fraternal, onde o convite dos amigos sobe para 83,9%.

Isso é normal até certo ponto, já que 27,3% daqueles que têm parentes maçônicos sabiam da pertença do parente após sua iniciação (obviamente, eles não podiam ser convidados por eles); por outro lado, aqueles que já sabiam ou sabiam disso na época de sua iniciação, o convite por família maçônica sobe para 55% em média, o que é congruente com a teoria geral dos sistemas familiares e superior à hipótese da pesquisa atual, onde o feedback dos valores é

transmitido geracionalmente por avós e pais. Principalmente.

Outro aspecto que estaria relacionado à permanência dos membros das Lojas iniciadas é que aqueles que não têm parentes maçônicos têm porcentagens maiores de renda porque só os convidaram (19% contra 9% dos que têm), sem necessariamente deixar claro o que é a Ordem; Também ligado a essa atitude está o fato de que 10% entram em busca de status ou de ter uma espécie de banco de empregos, contra 0% daqueles que já têm familiares maçônicos. Da mesma forma, a curiosidade, que não é ruim no início, pode ser contraproducente uma vez que a investigação sobre o mundo maçônico é satisfeita e eles conseguem desertar depois, obtendo uma alta pontuação de 32% contra 18% daqueles com formação genealógica. Finalmente, um pouco, 77% dos membros sem parentes maçônicos entraram em busca de conhecimento, contra 88% dos que o fazem, e isso reforça novamente a chamada educação que recebem de seu núcleo familiar.

Segundo o INEGI (2020), para cada residente de Querétaro que emigra, três imigrantes chegam ao estado, principalmente na cidade de Querétaro; nesse sentido, a Grande Loja do estado de Querétaro apresenta uma dinâmica semelhante ao que acontece no país, já que 69% dos maçons de Querétaro nasceram da entidade (metade deles estrangeiros originários da Cidade do México, incluindo um nativo de Cuba) e apenas 31% têm origens em Querétaro. Vale mencionar que a porcentagem de maçons com formação genealógica aumenta para 39% vindos da capital mexicana e diminui a de nascimento de Querétaro para apenas 24%; por outro lado, maçons sem parentes maçônicos se destacam por sua origem da entidade em 39% e mesmo aqueles de outras partes do país superam os da Cidade do México (32% e 29%, respectivamente). Talvez, devido à questão cultural de Querétaro ser considerado um estado mais "conservador" (García, M., 2017), isso tenha complicado a transmissão dos valores maçônicos a partir do núcleo familiar, ao contrário de entidades mais "liberais" como, por exemplo, a Cidade do México.

Como já mencionado, embora haja uma alta porcentagem de maçons de Querétaro nascidos em outros lugares fora da localidade (69%), uma porcentagem muito pequena já chegou iniciada na Ordem (14%, principalmente da Cidade do México), então sua formação maçônica teve origem na MRGLEQ em 87%. Voltando à análise dos maçons com formação genealógica fraterna, a proporção aumenta consideravelmente para 75% dos iniciados fora de Querétaro. 97% dos maçons de Querétaro foram iniciados no Rito Escocês Antigo e Aceito, e os 3% restantes o fizeram no Rito Nacional Mexicano e no Rito

York. A Maçonaria viaja com migrantes, mas se expressa em uma ampla gama que atravessa classes sociais (Castiglione, C., 2019).

Os maçons da MRGLEQ foram iniciados principalmente na primavera (abril a junho) e verão (julho a setembro) com 30% e 28%, respectivamente, com essa importante data de iniciação diminuindo na estação de outono (outubro a dezembro) e no inverno (janeiro a março) com 22% e 20%, respectivamente. Iniciação é o primeiro contato estabelecido com a organização maçônica; ou seja, a identificação feita por um maçom do futuro sujeito ou possível prospecto para entrar, de acordo com uma série de requisitos estabelecidos no código maçônico (Márquez, G., 2022).

O trabalho realizado em suas Lojas e em sua Grande Loja se reflete em grande parte nas posições e responsabilidades que ele assume ao longo de sua carreira maçônica; nesse sentido, cada maçom de Querétaro tem em média 3,5 posições, principalmente em sua Loja (3,4) e, em menor grau, em sua Grande Loja (0,1). Voltando à análise genealógica dos membros da Ordem, em Querétaro quem tem um membro da família maçônica tem um número maior de cargos para aumentar para 4,0 posições em média, em comparação com aqueles que não possuem uma (3,1).

O mesmo acontece ao analisar as posições percentuais em sua Loja: 38,2% dos que têm família maçônica, contra 30,3% dos que não têm; no nível da Grande Loja, a diferença é maior, já que praticamente aqueles que têm um maçom de família ocuparam 18% dos cargos no Alto Corpo, contra apenas 3% daqueles que não têm conhecimento de ter um maçom de família. Neste trabalho, a relação dos antecedentes genealógicos é analisada como possíveis motivadores emocionais para a permanência e responsabilidade dos maçons em sua carreira; no entanto, em outros estudos (Martínez, M., 1989), sua ligação com a estrutura socioprofissional nas Lojas de Valladolid, Espanha, foi analisada e pode também ser muito interessante como parte dos fatores a serem estudados.

Quanto à composição etária dos maçons de Querétaro, sua média é de 42,8 anos: 66 anos o mais velho e 21 o mais jovem (no universo da amostra estatística). Os membros com histórico de parentes maçônicos têm um leve aumento de idade, com média 43,5 anos, 72% têm mais de 39 anos, então apenas quase um quarto é jovem; E entre os que não são idosos, a idade média é de 41,9 anos, 55% também têm mais de 39 anos, então quase metade são jovens. De acordo com dados fornecidos pela Grande Loja Unida da Inglaterra em um artigo recente em sua publicação oficial, 'Freemasonry Today', apenas 2% dos maçons ingleses têm menos de 30 anos, a situação parece ser muito diferente na Grande Loja da Espanha, que desenvolveu novas estratégias para atrair jovens

(Barnés, H., 2016), nesse sentido, será necessário revisar a estratégia da MRGLEQ para a entrada e permanência das gerações jovens, talvez o uso de redes sociais como na Espanha, bem como a tolerância e a fraternidade.

A pirâmide etária de uma entidade social reflete, em grande medida, o potencial de produtividade econômica que seus membros possuem; nesse sentido, ao comparar os intervalos de cada 5 anos desse trabalho com o realizado por Masso, R. e Llauro, J. E. (1987) na província da Catalunha, Espanha, há 100 anos, podemos observar que o segundo possui um importante setor juvenil, ao contrário dos primeiros, com áreas mais consolidadas de 45 a 54 anos, devido ao fato de vários deles já terem migrado para Querétaro vindos de outras áreas urbanas, refletindo o espaço demográfico dinâmico e o tempo de cada região.

O estado civil do maçom de Querétaro é, em geral, em um casal com 69%, seja casado ou em união livre, essa proporção aumenta ligeiramente para 71% entre os membros sem família maçônica; quase um terço são solteiros (30%), e isso aumenta ligeiramente em membros com formação genealógica maçônica, com 33%, o que sugere que eles se casam em idade mais avançada ou preferem dedicar tempo a outras atividades; e uma minoria é divorciada, com apenas 1%. Talvez fosse necessário explorar, mais em uma entidade que se assume como "conservadora" (Paniagua, E., 2018), o posicionamento da inclusão da Maçonaria em Querétaro na Maçonaria Mexicana em relação à diversidade sexual do fenômeno associativo histórico, conforme abordado em García, M. A., 2020.

Com base na teoria geral dos sistemas, a família influencia a formação de cada indivíduo e o amor pelo conhecimento como uma forma importante de se envolver na sociedade onde se desenvolvem se reflete em vários aspectos, mas um dos que foram medidos foram os diplomas acadêmicos obtidos pelos maçons de Querétaro, que geralmente possuem bacharelado com 55%. pós-graduação 42% e 3% nível técnico; no entanto, novamente, maçons criados em um núcleo familiar com histórico genealógico de fraternidade destacam o nível de pós-graduação em 58% contra 26% daqueles que não têm parentes maçônicos. Sem dúvida, a localização geográfica da MRGLEQ em um ambiente urbano, o contexto temporal do século XXI, seu boom industrial e comercial refletem as profissões e empreendimentos nos quais a maioria de seus membros se desenvolve ocupacionalmente; nesse sentido, contrasta com outras análises dos maçons de outras latitudes, como os espanhóis, que estão imersos em um ambiente rural provincial no final do século XIX e início do século XX na Catalunha (Masso, R. e Llauro, J. E., 1987).

Em geral, maçons de Querétaro com profissionais independentes em 56% (destacam-se: advogados, professores, arquitetos e médicos, entre outros); seguido com 28% por empresários de vários ramos; funcionários públicos e privados com apenas 11%; assim como aposentados e estudantes com 5%. Não há muita diferença entre maçons com formação genealógica maçônica e aqueles que não têm, exceto que sua prática profissional é um pouco maior que a dos primeiros (61 e 52%, respectivamente). Analisar a Maçonaria e seus associados como atores da sociedade civil, que, por meio da opinião e do trabalho, contemplam civilizar, moralizar e secularizar o ambiente público e privado (Gutiérrez, C. E., 2020), é uma parte fundamental do papel da atividade que realizam fora e dentro do núcleo familiar.

Entre os aspectos de interesse desse trabalho, são abordadas as atividades realizadas apenas por lazer no tempo livre; a que mais aprecio foi a leitura em quase 80% dos maçons de Querétaro, assim como a prática de esportes e a assistida a filmes com aproximadamente metade de seus membros, entre outros. Um estudo semelhante na Grande Loja da Espanha também marca a leitura como a mais importante, com quase 50% (o livro mais lido lá é Dom Quixote, em Querétaro, qual será?), praticar esportes também é o segundo em importância com 30%, embora o cinema não seja tão importante com menos de 20% (Ramírez, D., 2016).

Um dos hobbies mais notáveis era a prática dos esportes que ele costuma praticar hoje, ou seja, esportes que ele pratica pelo menos uma vez a cada 15 dias; Nesse sentido, o exercício mais popular é a corrida, junto com outros como natação, caminhada e academia, além de outras 12 atividades, entre elas futebol americano, fronton, tênis de paddle, pilates, rapel, remo, trilhas, skate e vôlei. Além da saúde física e mental que beneficia a prática de um esporte, ela desempenhou um papel importante na Maçonaria; por exemplo, segundo escritos da Grande Loja da Argentina dos Maçons Livres e Aceitos, afirma: "O futebol adquiriu da Maçonaria o espírito de igualdade e fraternidade, sem distinção de nacionalidade, raça, ideologia, religião ou gênero. Não importa para ele se é socialista, capitalista, social-democrata ou tercemundista. Também não leva em conta se o jogador vem das classes menos favorecidas ou se nasceu em uma família rica" (Winkler, G., 2022).

Finalmente, e relacionados às seções anteriores, são abordados os aspectos que o Maçom de Querétaro mais gosta e desgosta, assim como as propostas para melhorar a Ordem à qual pertencem.

Entre os aspectos que mais atraem os maçons de Querétaro para serem iniciados estão a vida da fraternidade com quase 40%; é seguida pela aquisição

de conhecimento que atingiu 30%; os princípios de liberdade e crescimento, assim como o ritual maçônico, têm cerca de 5% cada, entre outros. Fraternidade é um sentimento destacado pela Maçonaria, por ser um elemento de união e humanização de nossos relacionamentos e interesses, tanto particulares quanto comuns (Schilling, C., 2020); Nesse sentido, tem uma ampla ligação com laços semelhantes que encontra de forma equilibrada na família e na sociedade.

Como qualquer organização perfeita, há aspectos dentro da Ordem que o Maçon de Querétaro menos gosta: egos com quase 30%; é seguida pelo dogmatismo, atingindo 20%; indisciplina, absenteísmo e tecnologia têm cerca de 7% cada, entre outros. Por essa razão, tanto a luta contra o dogmatismo dentro e fora da Maçonaria, quanto a recuperação da humildade como qualidade iniciática para o Maçom de Querétaro, tornam-se prioridades na consolidação de uma organização acostumada a questionar ideias por meio de trabalho árduo, que devem ser combatidas dos outros dois aspectos mencionados: o absenteísmo e a indisciplina que o método maçônico busca entre seus membros são assimilados para alcançar os princípios acima buscados do iniciado; Por fim, a tecnologia, como processo de globalização, é confrontada com habilidades pessoais de antigamente e competências contemporâneas sobre a compreensão e a relação com eventos e conhecimentos que são cada vez mais internacionais em suas causas e efeitos.

Desde que os seres humanos se tornaram um "animal hackeável", isto é, como a tecnologia que permite a um governo ou uma empresa transnacional saber o que sentimos e pensamos, e influenciar nossas decisões e crenças, liberdade e democracia – nos termos descritos – é cada vez menos possível, nem mesmo naquele reduto constituído pelas lojas maçons (Júri, R., 2020).

Entre as principais propostas de melhoria da Ordem, que o maçom de Querétaro considera pertinentes e realizáveis, foram reunidas as seguintes: Conhecer-se melhor entre as Lojas com 30%; Filtros Greater Modernity e Better Selection têm 15% cada, assim como a afirmação de que Tudo está bem como está agora; entre outros. Quanto ao primeiro, está intimamente relacionado à busca pela fraternidade e pelo conhecimento como dois dos pilares de iniciação expressos acima, assim como um dos aspectos que os membros dessa organização no estado de Querétaro apreciam as paixões, mas também com outra proposta para acabar com a desunião entre vários orientais ou jurisdições no mesmo território devido a diferenças materiais, imaterial e político.

Um dos melhores momentos da coexistência interlogial são as Celebrações dos Solstícios: época do

ano em que o sol entra nos trópicos de Câncer e Capricórnio, atingindo a máxima declinação norte e sul, e é quando ocorrem as festividades solsticiais celebradas pela Maçonaria no Verão e no Inverno, a primeira dedicada ao Reconhecimento e a segunda à Esperança (Abrines, 2005 citado por Yañez-Arancibia, L. A., 2022). Essas últimas emoções permitirão que o restante das propostas de melhoria seja promovido, incluindo a reconstrução histórica da Ordem Maçônica em Querétaro.

Conclusões

Está estatisticamente demonstrado que mais de 50% dos membros atuais da MRGLEQ têm ou tiveram algum membro da família maçônica em algum grau de consanguinidade, influenciando de forma positiva sua permanência e crescimento dentro da Ordem. Dando uma diretriz, então, para vislumbrar que as novas gerações continuam a influenciar a teoria geral dos sistemas familiares, apesar de metade delas não ter sido convidada a pertencer por esse parente, mas por um terço

Apesar de a cidade de Querétaro ter crescido em população nos últimos anos em ritmo acelerado, a maçonaria no estado refletiu em si mesma a dinâmica vivida pela migração entre os membros de sua Ordem, que, no entanto, mantém um número relativo de maçons ativos na MRGLEQ (1 para cada 10.000 habitantes). sendo que, mundialmente, a proporção seria 1 maçom para cada 1.333 humanos, já que a BBC (2018) estima o número de membros dessa Ordem no planeta em 6 milhões, o que há poucos dias adicionou oficialmente um total de 8 bilhões de pessoas (UN-Habitat, 2022).

Em uma fase posterior desta pesquisa, são propostos os seguintes passos (além do planejamento de atualizar as informações a cada 5 anos):

- Na primeira parte, comentários e testemunhos familiares serão usados para dar uma primeira indicação do histórico maçônico dos parentes sobre sua filiação à Maçonaria.
- Posteriormente, informações bibliográficas serão revisadas sobre a história, geografia, política, etc., nos tempos e espaços em que seus parentes viveram e sua ligação com a Maçonaria.
- Finalmente, em uma terceira etapa, serão feitas visitas aos registros das Lojas às quais pertenciam, a fim de revelar atividades, posições e eventos dos quais participaram, construindo, nesse sentido, a partir de uma história individual, um perfil ou contexto da Loja ou Grande Loja à qual pertenciam em nível nacional e internacional.

Paralelamente à pesquisa atual, foi realizado um estudo sobre a distribuição das entidades federativas da Maçonaria no norte e centro-sul do México, no contexto da origem das Grandes Lojas do país ligadas às Grandes Lojas de outros países onde a Maçonaria existe territorialmente, bem como suas relações internacionais e geopolíticas por meio de várias instâncias paraçônicas, como os Filhos das Viúvas. Shriners International, entre outros; bem como a regionalização mundial da Ordem, como, por exemplo, a Confederação Maçônica Interamericana, à qual o México pertence, e a MRGLEQ.

Bibliografia

Barnés, Héctor. "Masón y 'millennial': las nuevas estrategias de las logias para atraer a los jóvenes". *El Confidencial, el diario de los lectores influyentes*. España, 11/08/2016.

https://www.elconfidencial.com/alma-corazon-vida/2016-08-11/mason-millennial-jovenes_1244646/

BBC, Redacción. "Quiénes son los masones y por qué están rodeados de secretismo y polémica". *BBC News Mundo*, 20 febrero 2018.

<https://www.bbc.com/mundo/noticias-43066244>

Blaschke, Jorge. *La verdadera historia de los masones*. Santiago Río. Barcelona, España: Editorial Planeta, 2006.

<http://www.ubiobio.cl/miweb/webfile/media/222/Tie mpo/2007/RESE%C3%91A%20BIBLIOGRAFICA%20LA%20VERDADERA%20HISTORIA%20DE%20LOS%20MASO NES.pdf>

Castiglione, Celeste. "Morir lejos de casa. Marcas identitarias de la migración masiva en Argentina".

Andes, vol.30, no.1, junio (2019). Universidad Nacional de Salta. Facultad de Humanidades. Centro Promocional de Investigaciones en Historia y Antropología "Dr. Guillermo Madrazo" (CEPIHA). Argentina.

http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1668-80902019000100006&lng=es&nrm=iso

Crespo, José y Longo, Pedro Luis. "Reconocimiento al RH Juan Francisco Vicente Court Roux como Gran Maestro de la Gran Logia del Estado de Querétaro" (documento interno). Consejo Ejecutivo, Resolución No. 1.- 2018 / 2021. Confederación Masónica Interamericana (fundada el 14 de abril de 1947). 31 de mayo de 2018. Río Branco, Acre, Brasil, 2018.

Cruz, Fernando. "Una muy breve historia de la Muy Respetable Gran Logia del Estado de Querétaro del Rito Escoces Antiguo y Aceptado". México, 2022.

<http://granlogiaqueretaro.org/historia-de-la-masoneria/>

García, Marcos. "Notas para una genealogía del pensamiento conservador". Cuadernos de Historia (Santiago), no.47 (2017). Chile.

https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-12432017000200141

García, Marco Antonio. "De la homofobia, la misoginia y el machismo a la inclusión en la masonería mexicana". REHMLAC+, Revista De Estudios Históricos De La Masonería Latinoamericana Y Caribeña Plus, Vol. 13 Núm. 1 (2021) 46–68. Costa Rica.

<https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/rehmlac/article/view/44303>

Gutiérrez, César Eduardo. "Sociedad civil y masonería en la ciudad de Zacatecas (1959-1977)". REHMLAC+, Revista De Estudios Históricos De La Masonería Latinoamericana Y Caribeña Plus, Vol. 12 Núm. 1-2 (2020), 303–318. Costa Rica.

<https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/rehmlac/article/view/41382>

Huerta, Marco Antonio, Lúcia, Luis y Pastrana, Humberto. "Encuesta sobre Genealogía Masónica Queretana" (documento interno). Respetable Logia de Investigación "Nelly" No. 29, Muy Respetable Gran Logia del Estado de Querétaro y Tendencia: Investigación de Mercados. México, 2022.

Huerta, Marco Antonio, Lúcia, Luis, Pastrana, Humberto, Ortiz, Mario Alberto y Cruz, Fernando. "Mapa de la Masonería en el Mundo, México y Querétaro". Exposición en el Museo de la Restauración: *93 años de la Masonería en Querétaro, su presencia en México y el Mundo*. Secretaría de Cultura del Estado de Querétaro y la Muy Respetable Gran Logia del Estado de Querétaro. México, 2025.

INEGI. *Movimientos migratorios*. Información por entidad / Querétaro / Población. Censo de Población y Vivienda 2020. México, 2020.

<https://cuentame.inegi.org.mx/monografias/informacion/queret/poblacion/migratorios.aspx?tema=me&e=22>

Jurado V., Romel. "Masonería, democracia y resistencia digital". *Checks and Balances: Asesoría en políticas públicas y derechos humanos*. Ecuador, 23 octubre, 2020.

<https://checksandbalances.ec/masoneria-democracia-y-resistencia-digital/>

Márquez, Gabriel. "La iniciación masónica; simbolismo y ritualidad". *Centeotl*, Febrero, No. 3 (2008).

Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo. México. <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjhp4vV4Jr8AhXimGoFHVu1CHwQFnoECAsQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.uaeh.edu.mx%2Fcampus%2Ficshu%2Frevista%2Frev>

[ista_num3_08%2FORIGINALES%2FOK-Iniciaci_n-mas_nica.doc&usg=AOvVaw3_B62PUjaUq58gRRAZWY_Sm](#)

Martínez, Carlos Francisco. "Masones: ¿ideólogos y fundadores de la Constitución Mexicana de 1917?" En *Masonería y sociedades secretas en México*. Serie Doctrina Jurídica, No. 837. Instituto de Investigaciones Jurídicas de la UNAM. México. 2018.
<https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/11/5147/16.pdf>

Martín, Luis P. "Masonería y Sociedad: El origen social de los masones de Valladolid en la Restauración". En *La masonería, política y sociedad*. Editado por José Antonio Ferrer Benimeli, Vol. 2, 1989, ISBN 84-404-4941-0, págs. 913-928
<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiKvbehYJz8AhWpkmoFHdTk4ChAWegQIEhAB&url=https%3A%2F%2Fdialnet.unirioja.es%2Fdescarga%2Farticulo%2F961449.pdf&usg=AOvVaw3zssbKV4J3tpxfSE0kV6f->

Massó, Richard y Llauredó, Joan Emili. "Aproximación al estudio de la profesiones de los masones catalanes del siglo XIX". En *La masonería en la España del siglo XIX*. Coord. por José Antonio Ferrer Benimeli, Vol. 2, ISBN 84-505-5234-6, págs. 705-721, 1987.
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1154944>

ONU Noticias. "¿Ya somos 8 mil millones de personas en el mundo!". 15 de noviembre de 2022
<https://onuhabitat.org.mx/index.php/ya-somos-8-mil-millones-de-personas>

Paniagua, Enrique. "¿Querétaro sigue siendo un estado conservador?". El Queretano Digital. México. 16 de marzo, 2018.
<https://elqueretano.info/mirador/queretaro-sigue-siendo-un-estado-conservador/>

Ramírez, Daniel. "Hola, soy masón: una noche para descubrir los 'secretos' de la Logia". El Español. Diario digital. España. 5 septiembre, 2016.
https://www.elespanol.com/espana/20160902/152485638_0.html

Romeu, José Luis. *Sobre el Contraste entre Masonería Social e Introspectiva, en las Antillas Españolas, Ilustrada a Través de un Caso de Estudio Inédito*. Universidad de Siracusa, NY/USA, 2022.
<https://web.cortland.edu/romeu/MasonCubanoHeterodoxo2022.pdf>

Schilling, Cristian. "La fraternidad en la historia y cómo se entiende en la masonería". Gran Logia de Chile. Revista Masónica - Año 98 | Octubre (2020).

https://issuu.com/granlogiadechile/docs/revista_mas_o_nica_octubre_2020_para_pdf_alta/s/11183298#:~:text=La%20Fraternidad%20es%20un%20sentimiento,intereses%2C%20tanto%20particulares%20como%20comunes

Soberanes Fernández, José Luis y Carlos Francisco Martínez. *Masonería y sociedades secretas en México*. Serie Doctrina Jurídica, No. 837. Instituto de Investigaciones Jurídicas de la UNAM. México, 2018.
<https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/11/5147/16.pdf>

Von Bertalanffy, Ludwig. *Teoría general de los sistemas: fundamentos, desarrollo, aplicaciones*. Fondo de Cultura Económica. México, 1986.
<https://fad.unsa.edu.pe/bancayseguros/wp-content/uploads/sites/4/2019/03/Teoria-General-de-los-Sistemas.pdf>

Winkler, Gustavo. "Fútbol: ¿un deporte creado por masones?". Noticias. Diario Digital. Argentina. 30-11-2022.
<https://noticias.perfil.com/noticias/cultura/futbol-un-deporte-creado-por-masones.phtml>

Yañez-Arancibia, Luis Alejandro. "El solsticio en la historia y la masonería". Respetable Logia Simbólica "Pleno Día" No. 3 (2022), Gran Logia Unida Mexicana de Libres y Aceptados Masones del Gran Oriente de Veracruz. México. http://www.freemasons-freemasonry.com/solsticio_masoneria.html.



FRATERNITAS